Museu Nacional

Relatório **Anual** 2018

RIO DE JANEIRO
MUSEU NACIONAL
2019

ISSN 0557-0689

Relatório **Anual** 2018

Museu Nacional

Museu Nacional/UFRJ
Quinta da Boa Vista, s/n, São Cristovão
20940-040 Rio de Janeiro, RJ
Site: www.museunacional.ufrj.br
E-mail: museu@mn.ufrj.br

fotografia de capa: Instituto J. Safra

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R382 Relatório Anual do Museu Nacional / Museu Nacional. (1874)- . -- Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1874-.

Irregular.

ISSN 0557-0689

1. Museu Nacional (Brasil) - Relatórios. I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. II. Museu Nacional (Brasil).

CDD 508.06

Leandra Pereira de Oliveira - CRB7 5497

Colaboradores

A

Alexander Wilhelm Armin Kellner
Alexandre Dias Pimenta
Aline Miranda e Souza
Andrea Ferreira da Costa
Anna Carolina Bayer
Antonio Ricardo Pereira de Andrade

C

Cátia Mello Patiu
Claudia Rodrigues-Carvalho
Cristiana Serejo
Cristiano Moreira

D

Dulce Maranha Paes de Carvalho

E

Edmundo Pereira
Eduardo Hajdu
Eliane Ezaquiel Frenkel
Eliane Guedes Ferreira

F

Fabiano Richard Leite Faulstich
Felipe Vivallo
Fernanda Cristina Cardoso Guedes

G

Gabriel Mejdalani

H

Henrique Barbosa

I

Igor Rodrigues
Irene Azevedo Cardoso

J

João Alves de Oliveira
João Pacheco de Oliveira
Joana Zanol Pinheiro da Silva
John Comerford
José P. Pombal Jr.

L

Leandra Pereira de Oliveira
Leonardo Henrique Gil Azevedo
Lia M. S. Ribeiro
Lúcia Helena Sampaio da Silva
Luciana Barbosa de Carvalho
Luciana Witovisk Gussella

Colaboradores

M

Marcela Laura Monné Freire
Marcelo Britto
Marcelo de Araújo Carvalho
Marcelo Weksler
Márcia Souto Couri
Márcia Valéria de Souza
Marcos Raposo
Maria das Graças Freitas Souza Filho
Maria Elizabeth Zucolotto
Mariângela Menezes
Marília Facó

N

Núcleo de Atendimento ao Público
Núcleo de Comunicação e Eventos

P

Paulo Buckup
Paulo Henrique Moura Santana
Pedro G. B. Souza Dias

R

Regina Maria Macedo Costa Dantas
Renata Watanabe
Renato Rodriguez Cabral Ramos
Renato Ventura
Rita Scheel-Ybert
Roberto Fabelino

S

Sandro Marcelo Scheffler
Sergio Alex Azevedo
Sonia Maria Lopes Fraga
Sheila Villa Bôas

T

Thaís Mayumi Pinheiro

V

Valéria Cid Maia
Valéria Pereira Silva
Vera Lucia de Moraes Huszar
Vinicius Padula

W

Wander de Oliveira Siqueira

Sumário

Mensagem do Diretor 11

Panorama 15

Ciência em Destaque 23

- Antropologia 24
- Botânica 29
- Entomologia 32
- Geologia e Paleontologia 34
- Invertebrados 37
- Vertebrados 40

Pós-Graduação 43

- Antropologia Social 44
- Arqueologia 47
- Botânica 50
- Geologia do Quaternário 53
- Linguística e Línguas Indígenas 55
- Patrimônio Geopaleontológico 57
- Zoologia 60

Coleções Científicas 63

- Antropologia 64
- Botânica 71
- Didática 72
- Entomologia 74
- Geologia e Paleontologia 80
- Histórico-Artística 94
- Invertebrados 95
- Vertebrados 102

Extensão 109

- Educação 110
- Exposições 113
- Outras Ações 118

Conservação e Restauração 122

- Laboratório Central de Conservação e Restauração 122
- Núcleo de Resgate de Acervos 125

Unidades de Informação 128

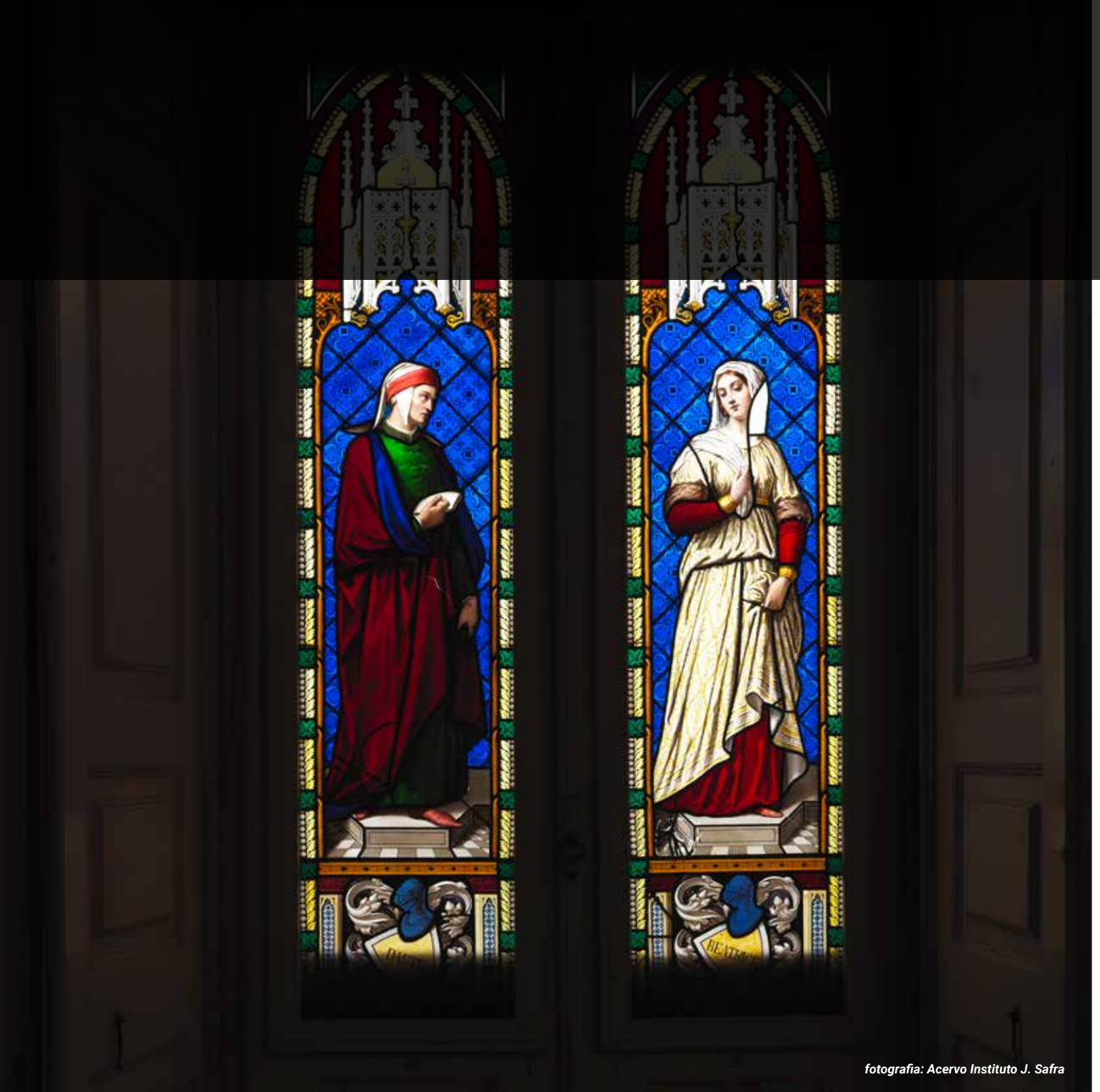
- Biblioteca Central 128
- Biblioteca Francisca Keller 131
- Seção de Memória e Arquivos 134

Amigos d'O Museu 139

Museu Nacional em Números 147

Núcleo de Comunicação e Eventos 155

Créditos 158



fotografia: Acervo Instituto J. Safra

Mensagem do Diretor

Que ano...

Justamente agora que a instituição volta, depois de muito tempo, a publicar o seu relatório anual, tivemos a tragédia de 2 de setembro de 2018. A decisão de retomar os relatórios anuais, pela primeira vez de forma bilíngue, foi tomada por essa gestão antes mesmo de ter sido empossada, em 7 de fevereiro de 2018. O objetivo é apresentar os principais dados sobre o Museu Nacional, que acaba de completar dois séculos de existência. A proposta é proporcionar transparência para a sociedade brasileira e para outros países sobre todos os tópicos relacionados ao Museu, desde ações científicas, culturais e educacionais, como também questões financeiras. E o mais importante: apresentar o que o Museu Nacional realizou ao longo do ano!

Não há como deixar de enfatizar nesse relatório que a normalidade da casa foi tremendamente afetada pelo incêndio e, com isso, o seu desempenho. Todos os pesquisadores, técnicos e alunos tiveram o seu dia a dia alterado, muitos tendo o seu trabalho profundamente prejudicado. Cerca de 200 professores e técnicos, além de aproximadamente 400 alunos, que desenvolviam as suas atividades no palácio, de uma hora para outra perderam seu local de trabalho e de pesquisa, sendo obrigados a se deslocar para outras instalações do Museu ou até mesmo para fora dele.

Até aquele domingo fatídico, tudo vinha tão bem... O Museu lindamente retratado na Marquês de Sapucaí, uma reestruturação administrativa em curso, novos funcionários para áreas vitais,

discussões sobre um plano museológico, renovação do regimento, aproximação com empresas e governo, maior interação com instituições de diversas áreas e a festa da comemoração do bicentenário, que tanto nos enchiam de esperanças... Até mesmo um curso de primeiras ações no caso de um sinistro estava sendo ministrado pela Defesa Civil, desde março de 2018. Quase uma centena de servidores e alunos foram treinados nas cinco edições que puderam ser concretizadas, uma iniciativa pioneira na instituição. Mas o incêndio aconteceu justamente no início da noite de um domingo, quando não havia ninguém no palácio. Faltou água nos hidrantes e, o que soa ainda mais absurdo, continua faltando...

Que não haja ilusão: não será um trabalho fácil! A recuperação será dolorosa e necessitará de tempo. Seria ilusão pensar que laboratórios e, principalmente, coleções possam ser recompostos de forma rápida. Porém, a reconstrução plena do Museu é uma tarefa obrigatória e necessária para o Brasil! O Museu Nacional é uma daquelas poucas instituições que transcendem fronteiras e que podem ser consideradas como um patrimônio mundial.

Mesmo antes do incêndio, estávamos repensando todo o seu funcionamento, desde a sua posição no organograma da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para onde a instituição foi alocada em 1946, até mesmo a sua relação com a sociedade. Agora, depois dessa tragédia, essas reflexões nunca foram tão importantes.

Como em toda catástrofe, sempre há o dia seguinte. Sem, de forma nenhuma, querer minimizar os efeitos nefastos do incêndio, cabe alertar que estamos diante de uma oportunidade excepcional: a de reerguer o Museu, tornando-o um modelo para outras instituições congêneres, não apenas em sua forma de se organizar, mas, sobretudo, na maneira de interagir com a sociedade. Caberá a nós, da casa, junto com a UFRJ, nos colocarmos na linha de frente desse processo.

Mas não conseguiremos atuar sozinhos! Precisamos do apoio do Ministério da Educação (MEC) e de muitos parceiros como UNESCO, Instituto do Patrimônio Histórico (IPHAN), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN), para citar alguns que já vem trabalhando em conjunto com o Museu. Além da ajuda de governos e instituições de outros países, particularmente na parte da recuperação das nossas coleções. Também esperamos angariar apoio do empresariado, que poderá dar uma contribuição fundamental para que o novo Museu Nacional alcance relevância nacional e internacional, comparável aos principais museus de história natural e antropologia do mundo. Essa meta não é apenas totalmente factível, mas está no horizonte!

Os primeiros passos já foram dados. Recebemos algo em torno de R$ 16 milhões do MEC do governo passado. A maior parte (ca. R$ 10 milhões) foi utilizada no escoramento do palácio, incluindo uma cobertura provisória para possibilitar o prosseguimento da atividade de resgate. Um total de R$ 5 milhões foram repassados para a UNESCO com a incumbência da elaboração de dois projetos: o projeto executivo da reconstrução interna do palácio e a concepção das novas exposições. Por último, a UFRJ recebeu perto de R$ 1 milhão para a elaboração do projeto da recomposição e restauração da fachada, que está em andamento. Sem contar com a emenda parlamentar impositiva de R$ 55 milhões obtida pela bancada de deputados federais do Rio de Janeiro, destinada ao início da reestruturação física do Museu. Além de auxiliar na obtenção dessa emenda de bancada, a audiência pública realizada em 30 de outubro no Congresso Nacional teve importante influência para mostrar a situação da instituição, resultando em algumas emendas parlamentares individuais para fins específicos. Ou seja, temos todas as condições para que as obras do palácio, como também a reconstrução dos novos laboratórios, mesmo que em instalações provisórias, possam ser realizadas.

Igualmente importantes são os auxílios e promessas de apoio que recebemos de muitas instituições, nacionais e do exterior. Cabe destaque para a ação do Governo da Alemanha, que já liberou R$ 756.106,60 de uma promessa de um milhão de euros, utilizados no resgate

dos objetos que ainda se encontram nos escombros do palácio. No que concerne à pesquisa, tivemos apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no valor de R$ 2.533.780,00 para os seis programas de pós-graduação do Museu. Também a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), apesar da sua situação extremamente delicada, ajudou aos pesquisadores do Museu Nacional através da concessão de bolsas por um ano, beneficiando mais de 70 cientistas. Dá para respirar!

Gostaria de terminar a introdução desse relatório agradecendo as centenas de pessoas, das diversas classes sociais, entre pesquisadores, professores, estudantes, profissionais liberais, aposentados, que procuraram, ao longo de 2018, apoiar o Museu, inclusive com ações diretas de doação, tão necessárias, que recebemos pelo SOS-Museu Nacional! Também agradeço especialmente ao corpo social da casa pelo trabalho incessante na reconstrução, que passa por todos os setores chegando até a equipe de resgate, cuja atuação nos renova de esperanças diariamente. Ao recuperar parte das coleções que se encontram nos escombros, além da memória da nossa instituição, estão sendo recuperados pedaços da história dos brasileiros e de outros povos, que precisamos, como nação, valorizar muito mais daqui para frente. Tenho a convicção de que, com a nossa competência profissional, com todos atuando em conjunto e cada um desempenhando bem a sua função, em alinhamento com os nossos diversos parceiros, estaremos trilhando o melhor caminho para a reconstrução do Museu.

É bom para o Rio, é bom para o Brasil!

Alexander W. A. Kellner Diretor

fotografia: Fórum de Ciência e Cultura

Panorama

Ao longo de 2018, foram realizadas as ações (algumas idealizadas e iniciadas na gestão anterior) referentes às comemorações oficiais do bicentenário do Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Inaugurado por d. João VI em 6 de junho de 1818, desde 1892 ocupa o antigo Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista, bairro Imperial de São Cristóvão, localizado na zona central do município do Rio de Janeiro.

No início de 2017, nossa Instituição foi agraciada com a proposta de ser apresentada a sua história, uma homenagem ao seu bicentenário: foi escolhida como tema do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense (GRESIL). Momento mágico no qual a comunidade do MN esteve presente desde o lançamento da sinopse até o desfile na Marquês de Sapucaí, com o samba-enredo "Uma noite real no Museu Nacional". Essa primeira ação, realizada ao longo de 2017, contou com a apresentação do tema no Auditório Roquette Pinto, a exposição da sinopse na Quadra da Imperatriz e dos croquis e protótipos (fantasias), a escolha do samba-enredo, a organização da participação da comunidade do MN nas alas, os ensaios na quadra e os ensaios técnicos (quando a população de Ramos visitou gratuitamente as exposições). Tudo isso culminou no desfile propriamente dito, realizado na madrugada de 13 de fevereiro de 2018. Foi uma oportunidade ímpar de comemorar o bicentenário da instituição de forma lúdica, com a atuação do carnavalesco Cahê Rodrigues em todo o cenário de sua construção. No início do ano de 2018, portanto, já estava sendo realizado um sonho antigo: a apresentação

da história do MN e do Paço de São Cristóvão na maior manifestação cultural nacional e de forte visibilidade internacional — o Carnaval na Marquês de Sapucaí.

Destaca-se, em meio à realização dessa primeira ação, a posse do diretor eleito, Alexander Kellner, em 7 de fevereiro, cinco dias antes do desfile. Durante o mesmo mês, foram realizadas entrevistas com ele sobre as comemorações do bicentenário e a repercussão da participação do MN na Avenida.

Visando promover uma maior interação entre docentes, pesquisadores e discentes e fortalecer a Instituição e seus Programas de Pós-Graduação (PPGs), foi realizada, no dia 13 de março de 2018, a primeira edição da Aula Inaugural do Museu Nacional, que contou com a participação da Direção do Museu, das coordenações dos PPGs e dos representantes dos discentes, da Biblioteca Central, da Biblioteca Francisca Keller, da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) e da Associação de Pós-graduandos (APG) da UFRJ.

Ainda no início da nova gestão e objetivando aprofundar o diálogo entre os setores administrativos, realizou-se no Auditório Roquette Pinto, no mês de abril, um Seminário Interno com os setores vinculados à Direção Administrativa do MN. Durante o encontro, cada um deles fez uma breve apresentação com ênfase na equipe, suas respectivas atividades e uma análise do setor no organograma vigente da Instituição.

No cenário de festejos do bicentenário, com o propósito de agradecer à GRESIL, a Direção do MN propôs fazer o caminho inverso e trazer o Carnaval para as salas expositivas do ambiente universitário. Dessa forma, criou-se uma comissão com a finalidade de realizar uma exposição inovadora com a apresentação de 30 fantasias confeccionadas pela GRESIL, distribuídas em diferentes salas da exposição permanente. A inauguração foi realizada em 18 de maio, em evento organizado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) para registrar o Dia Internacional de Museus. No Auditório Roquette Pinto, o presidente do IBRAM, o professor Marcelo Araújo e o diretor do MN realizaram o certame, tendo como público os diretores de diferentes museus brasileiros. Na ocasião, o presidente do IBRAM lançou, entre outras ações, o passaporte de Museu (gratuidade para 70 museus e centros culturais) e inaugurou a exposição de curta duração "O Museu dá samba: a Imperatriz é o relicário do bicentenário do Museu Nacional", ao som da bateria da GRESIL.

No dia seguinte, as fantasias, doadas pelos servidores do MN, enalteceram o evento Turismo Cultural de São Cristóvão realizado nos dias 19 e 20. No mês posterior, estávamos prontos para o evento oficial comemorativo dos 200 anos do MN, realizado em 6 de junho, para público reservado, marcando a reabertura da "Sala da Baleia". O evento contou com um número representativo de participantes, dentre autoridades no âmbito universitário e museal, porém sem representantes da esfera Federal, com exceção do presidente do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que revelou-se um grande parceiro da instituição. O esperado discurso do diretor foi interrompido, como positiva quebra do protocolo, por personagens históricos decisivos para a criação do Museu Nacional. Atores representando d. João VI, Carlota Joaquina, dona Maria e a Imperatriz Leopoldina saudaram os convidados. O diretor discursou sobre a relevância da data e as perspectivas para a instituição diante dos olhares emocionados dos participantes. Além disso, foi inaugurada a exposição "Expedição Coral: 1865-2018" em um grande salão de exposições, para que os convidados pudessem "conhecer a descoberta dos corais e ambientes coralíneos e seu estado de conservação, desde o Brasil de Pedro II até hoje." A tradicional programação de aniversário, que apresenta as pesquisas e o acervo do Museu, foi realizada no período entre 9 e 10 de junho, com oficinas, exposições e visitas mediadas. Como marco do bicentenário, também foram confeccionadas medalhas pela Casa da Moeda.

Algumas das ações tiveram forte repercussão, como, por exemplo, o lançamento, no mês de julho, da bem-sucedida campanha de *crowdfunding* para o projeto de reabertura da sala do *Maxakalisaurus topai*, o primeiro dinossauro de grande porte a ser montado no Brasil; no dia 24/6, houve a participação especial do MN no Congresso 70 anos da Sociedade Brasileira

para o Progresso da Ciência (SBPC). No dia 30, o MN inaugurou o Seminário "200 anos de Museus", do IBRAM, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), apresentando sua história e perspectivas.

No dia 20 do mês de agosto, emocionante evento foi executado no Museu, na "Sala da Baleia", com a abertura do 49º Congresso Brasileiro de Geologia, cujo tema Geologia: Conhecer o Passado para Construir o Futuro, justificou a apresentação da palestra "O Museu Nacional e a Mineralogia no Brasil do século XIX". No dia seguinte, a Biblioteca Central/MN organizou o II Seminário Especial: Lugar de Memória da Biblioteca do Museu Nacional, como parte das comemorações do bicentenário da instituição, o que proporcionou um ambiente de trocas de experiências sobre diferentes pesquisas realizadas no Museu.

No auge de nossas expectativas sobre o ano de 2018, o mês de setembro abalou a instituição diante do trágico incêndio no MN ocorrido no domingo, dia 2. A semana seguinte foi um misto de desolação com indignação em um ambiente de incertezas. Imediatamente, a direção criou grupos de trabalho, com o intuito de reunir todos os servidores no Horto Botânico e evitar a fragmentação da instituição. Os grupos atuaram em diferentes frentes para suscitar, receber e distribuir doações, tais como mobiliários, equipamentos de informática, materiais de escritório, acervos e recursos. Assim, foi criado e-mail institucional para a triagem dos assuntos. O site do Museu teve atuação imprescindível para a divulgação dos critérios de doações, com o acompanhamento e o incentivo do Núcleo de Comunicação e Eventos, visando manter a instituição na mídia. A Associação Amigos do Museu ficou responsável pela arrecadação de recursos para a instituição. Duas semanas após o incêndio, o IBRAM realizou a 12ª Semana de Museus e as instituições museais passaram a discutir políticas de preservação de seus acervos.
Os departamentos existentes no Horto Botânico (Botânica,Vertebrados e a Biblioteca Central) passaram, então, a abrigar alguns laboratórios, assim como secretarias dos departamentos e Programas de Pós-Graduação, a Direção e seções administrativas até então localizados no palácio. Já as instalações do Pavilhão de Ensino foram fundamentais para a manutenção

fotografia: Raphael Pizzino / Coordcom UFRJ

das atividades acadêmicas, tais como aulas, palestras bem como as defesas de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Paralelamente às entrevistas realizadas com o diretor, a Equipe de Resgate fortaleceu-se nos escombros do palácio, sob a coordenação da arqueóloga e ex-diretora Claudia Rodrigues Carvalho, com servidores da instituição e, posteriormente, alunos da UFRJ.

Merece destaque a atuação da direção e assessoria da Instituição em Brasília, durante o mês de outubro e em meio à eleição presidencial, na força-tarefa de distribuição de projetos aos senadores e deputados federais para a reconstrução dos departamentos e setores do MN, na semana de fechamento do orçamento do Congresso Nacional, nos dias 30 e 31. Essa ação foi concluída no dia 7 de novembro e, no mesmo mês, entre os dias 23 a 30, foi realizada a VI Semana de Egiptologia do MN/SEMNA.

No dia 4 de dezembro, foi iniciada a VII Semana Fluminense de Patrimônio, no Museu Histórico Nacional, na qual ocorreram o lançamento do selo comemorativo dos 200 anos do Museu Nacional e a mesa-redonda "Museu Nacional: situação atual e perspectivas". No dia seguinte, no Auditório do Horto Botânico, houve as palestras "Classes Populares e o Consumo da Cultura no Museu Nacional", com Fernanda Guedes, coordenadora do Núcleo de Comunicação e Eventos/MN, e "Considerações sobre o Resgate no Museu Nacional", com Claudia Rodrigues Carvalho. No dia 9, na Alameda das Sapucaias (Quinta da Boa Vista), a semana foi encerrada com o Festival Museu Nacional Vive, com a apresentação do material didático da SAE (Entomologia, Ictiologia, Geologia, entre outras áreas); reconstituições dos objetos mais conhecidos do Museu produzidas por alunos de escolas públicas, entre outras atividades realizadas pela equipe da Seção de Museologia (SEMU).

O ano foi encerrado com a última sessão da egrégia Congregação, em emocionante evento festivo coroado de homenagens e reconhecimento aos servidores da Instituição como os melhores atores da resistência na reconstrução do MN, com a implementação do projeto "Museu Nacional Vive".

fotografia: Raphael Pizzino / Coordcom UFRJ

fotografia: Zhai Sichen / Coordcom UFRJ

Ciência em Destaque

Ciência em Destaque | ANTROPOLOGIA

fotografia: Acervo Instituto J. Safra

Foi por meio das atividades científicas e debates desenvolvidos ao longo dos séculos XIX e XX que se consolidaram os cinco setores nos quais se organiza o Departamento de Antropologia (DA), entre Reservas Técnicas e Salas de Exposição: "Arqueologia, Antropologia Biológica, Etnologia, Linguística e Antropologia Social". Alguns desses são centenários da casa e passaram a guardar "coleções antropológicas", como remanescentes humanos, objetos de uso cotidiano e ritual, além de acervos bibliográficos e de documentação linguística.

Esse modelo de Antropologia dialoga com modelos gerados em outras partes do mundo, sobretudo sob a égide do trabalho museológico e a necessidade de abrangência epistêmica para o entendimento dos processos biológicos, históricos, sociais e culturais humanos. Isso se evidencia quando toma-se como exemplo seu conjunto amplo e complexo de coleções científicas. No ponto em que se encontrava em termos de acervo e condições de inventário antes do sinistro de 2 de setembro de 2018, em uma tipologia de oito grandes eixos de colecionamento (arqueológico, arqueobotânico, microbotânico, ictiológico, osteológico, etnográfico, linguístico, bibliográfico), reunia cerca de 1,2 milhão de itens (tombados, catalogados e novas coleções) ao longo de 24 grandes coleções e acervos.

No cenário pós-sinistro, o trabalho de resgate de remanescentes das coleções etnográficas sobreviventes ao incêndio já começou e grupos de trabalho foram constituídos junto com o apoio de *experts* externos. Além disso, buscam-se bases seguras — por meio de apoios de laboratórios e pesquisadores das áreas de Tecnologia da Informação e Novas Tecnologias Digitais — para o trabalho de resgate digital com organização profissional de *backups* e criação de páginas e disponibilização de seus acervos sobreviventes (materiais e digitais) e criação de exposições virtuais, antes da retomada de suas condições de geração de novas coleções com apoio de instituições nacionais, internacionais, bem como de pesquisadores, colecionadores e grupos de populações indígenas, afro-brasileiras e populares.

Por fim, na medida em que as equipes dos setores do departamento forem realocadas nas dependências do Horto Botânico, na Quinta da Boa Vista, e do terreno contíguo à Quinta, nas antigas Cavalariças, a continuidade dos trabalhos em curso e das agendas emergenciais e de médio e longo prazo de reorganização digital e material de acervos e exposições será retomada.

Até a data do sinistro, o DA detinha aproximadamente 529.710 itens registrados em seus cinco setores, em um total aproximado (somados os itens por registrar e tombar) de 1.220.272. A maior parte dos livros de tombos se perdeu no sinistro, no suporte papel, e em parte digitalmente, nos discos rígidos externos. Um expressivo conjunto documental, no entanto, sobreviveu em bases digitais variadas (de softwares como editores de texto Word e de tabelas Excel, até bancos de dados como Access e Archaios). Nesse cenário, além do trabalho de resgate material de "remanescentes de coleções antropológicas" no sítio arqueológico que se tornou o Palácio da Quinta da Boa Vista, coloca-se também o trabalho de resgate digital, no qual a realização de inventários gerais e a organização do *backup* sobrevivente se colocam como prementes, antes que seja possível a retomada do trabalho de pesquisa e geração de novas coleções antropológicas.

Do ponto de vista de suas perdas patrimoniais, ainda não é possível, em função das dimensões do incêndio, quantificar o que foi perdido, nem saber o que será recuperado. O trabalho de resgate de remanescentes das coleções etnográficas, biológicas e paleogeológicas que se segue levará tempo. De todo modo, como tem sido noticiado na imprensa, os primeiros achados têm sido além das primeiras expectativas.

Destacam-se, a seguir, as principais realizações no período:

I Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). "Políticas afirmativas e a situação do negro no Brasil hoje" com Kabengele Munanga (USP). Museu Nacional, Sala Roberto Cardoso de Oliveira, 10/04/2018

2 Edição da Exposição "Índios: os primeiros brasileiros". Memorial dos Povos Indígenas, DF, 29/08 a 16/12/2018. Realização: Setor de Etnologia e Etnografia

3 Seminario dxs alunxs do PPGAS/MN. Auditório do Horto, MN/UFRJ, 17 a 21/09/2018. Realização: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

4 Seminário "50 anos do PPGAS. Memória e Reconstrução". Auditório do Horto, MN/UFRJ, 12/11/2018. Realização: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

5 Edição da Semana de Egiptologia do Museu Nacional. Auditório do Horto, MN/UFRJ, 26 a 30/11/2018. Realização: SESHAT (Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional).

6 Concurso para o cargo de Gerente de Coleções envolvendo as áreas de Etnologia, Arqueologia e Antropologia Biológica

7 Participação de docentes, técnicos e discentes na organização do trabalho da equipe de Resgate pós-sinistro (Arqueologia, Antropologia Biológica e Etnologia).

8 Defesas de dissertação e doutorado das pós-graduação em Antropologia Social, em Arqueologia (PPGARQ), em Linguística (PROFFLIND): Mestrado, 40 (PPGAS, 16, PPGARQ, 6, PROFLLIND, 18), doutorado, 24 (PPGAS, 18, PPGARQ, 6).

9 Presença Indígena na Pós-Graduação: 17 estudantes de diversos povos e regiões (PPGAS, 6; PROFLLIND, 11)

IO Ação Afirmativa: 15 doutorandos (12 negros, 3 indígenas) e 14 mestrandos (11 negros, 3 indígenas)

II Realização de Inventário das Coleções Científicas (acervo, perdas, expectativas de resgate).

Ciência | BOTÂNICA

em Destaque

fotografia: Barbara Haaid

O Departamento de Botânica (DB) está constituído por 13 docentes ativos, sendo um recém-concursado atuando em Etnobotânica, dois professores colaboradores, três biólogos, 13 técnicos (quatro recém-concursados atuando no Herbário), um novo tecnólogo de coleção, dois colaboradores voluntários, 40 alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas — Botânica (PPGBot), 33 alunos de iniciação científica, cinco alunos de iniciação científica júnior do Colégio Pedro II e cinco pós-doutorandos, distribuídos em quatro grupos de estudos: Reprodução Vegetal (Laboratórios de Biologia Reprodutiva, Anatomia e Palinologia); Plantas de Uso por Comunidades Tradicionais (Laboratório de Etnobotânica); Biodiversidade de Algas e Qualidade da Água (Laboratório de Ficologia); Taxonomia e Filogenia de Angiospermas (Laboratórios de Taxonomia), pertencentes a 4 diferentes linhas de pesquisa do PPGBot (Morfologia de Embriófitos, Etnobotânica, Taxonomia e Ecologia de Criptógamos e Diversidade e evolução de Angiospermas).

O DB contou com parcerias de 15 instituições nacionais e oito internacionais, desenvolvendo 74 projetos de pesquisa com 52 artigos publicados, sendo 22 em periódicos nacionais e 30 internacionais. Foram ainda elaborados 6 capítulos de livros e descritos oito novos táxons para a Ciência.

Participou ativamente nas atividades em comemoração aos 200 anos do Museu Nacional, com exposições e oficinas oferecidas pelos diferentes laboratórios e pelo Herbário, bem como do evento Primavera nos Museus, expondo os variados temas em estudo no departamento.

Outro ponto relevante foi o engajamento de todos quando se fez necessário abrigar os colegas dos diferentes departamentos e setores após o trágico incêndio do Palácio. Assim, no prédio do DB estão atualmente professores e alunos de outros departamentos, além da Secretaria do Departamento de Invertebrados e do setor de Diárias e Passagens. A secretaria do PPGBot atualmente divide seu antigo espaço com as pós-graduações em Antropologia.

Completou em 2018 o levantamento de 373 espécies de plantas (pertencentes a 91 famílias) presentes no Horto Botânico, além de fazer a manutenção de toda a área. Foram firmadas parcerias com a Secretaria de Saúde do Município do Rio de Janeiro para realizar o controle das populações de caramujos nos canais e lago do Horto Botânico e com uma bióloga pesquisadora da UERJ, que atua na proteção animal e indígena das etnias *Manaú-Arawak*, mediante o fornecimento controlado e supervisionado do material excedente do bambuzal do Horto Botânico para uso na "Aldeia Maracanã".

Você precisa ler:

Alves-de-Souza, C.; Benevides, T.; Menezes, M.; Jeanthon, C.; Guillou, L. 2018. First report of vampyrellid predator-prey dynamics in a marine system. ISME Journal, p. s41396. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41396-018-0329-0 .

Abreu, N.L.; Alves, R.J.V.; Cardoso, S.R.S.; Bertrand, Y.J.K.; Sousa, F.; Hall, C. F.; Pfeil, B.E.; Antonelli, A. 2018. The use of chloroplast genome sequences to solve phylogenetic incongruences in Polystachya Hook (Orchidaceae Juss). PeerJ 6: e4916. Disponível em: https://doi.org/ 10.7717/peerj.4916.

fotografia: Acervo Instituto J. Safra

O Departamento de Entomologia (DE) do Museu Nacional contou em 2018 com 11 professores, um deles pesquisador emérito aposentado, sete bolsistas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), seis técnicos especializados com nível de graduação e pós-graduação e 58 estagiários, em diferentes níveis de formação, desde iniciação científica a pós-doutorado. O *staff* atua em pesquisa e ensino no Programa de Pós-Graduação em Zoologia (PPGZoo) do Museu Nacional/UFRJ, onde coordenam 16 disciplinas e orientam 36 alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, além de participarem a graduação e de outros programas e cursos regulares em diversas partes do Brasil.

O DE desenvolve diversas linhas de pesquisa envolvendo insetos, com enfoque na sistemática, morfologia, biologia, ecologia, biodiversidade e história natural. As atividades de pesquisa resultaram em 59 artigos científicos, divulgados em periódicos nacionais e internacionais qualificados, capítulos de livros, além de comunicações em congressos, simpósios, palestras e mesas-redondas.

Na administração, os integrantes do DE participam de comissões, representações e chefias de departamento. Seus docentes e técnicos se comprometem com a identificação de material entomológico, a composição de corpo editorial de revistas científicas, a emissão de pareceres para órgãos de fomento, assim como revisão de manuscritos para revistas científicas como consultores ad hoc.

Ao final do ano, em concursos realizados, um professor e um tecnólogo ampliaram o quadro de profissionais do departamento.

Você precisa ler:

Santos, M.G.; Maia,V.C. 2018. A synopsis of fern galls in Brazil. Biota Neotropical 18(3):e20180513. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1676-0611-bn-2018-0513.

Monne, M. 2018. An updated list of the type specimens of Caelifera (Orthoptera) in the Museu Nacional, Rio de Janeiro. Zootaxa 4462:73-95. Disponível em: http://dx.doi.org/10.11646/zootaxa.4462.1.3.

Ciência
em Destaque

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

fotografia: Acervo Instituto J. Safra

O Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) apresenta a seguir as atividades realizadas pelo seu corpo deliberativo, distribuídas nas áreas de pesquisa, ensino, extensão e curadoria em 2018.

Na área de pesquisa, teve grande produtividade, publicando 40 artigos, em periódicos nacionais e internacionais, dois livros e um capítulo de livro, resultado dos inúmeros projetos coordenados por seus docentes e técnicos.

Na área de ensino, manteve o curso de especialização em Geologia do Quaternário, ofertando oito disciplinas de responsabilidade do quadro do DGP. Teve expressiva atuação nas pós-graduações *stricto sensu*: em Geociências — Patrimônio Geopaleontológico, do Museu Nacional, na qual compõe 70% do quadro de docentes, oferecendo mais de 20 disciplinas regulares; em Zoologia, na qual três docentes ofertam três disciplinas; em Geologia, do Instituto de Geociências da UFRJ, na qual seis docentes são responsáveis por oito disciplinas; em Análise de Bacias e Faixas Móveis da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na qual um docente atua.

Ressalta-se o trabalho em colaboração com dezenas de programas no Brasil, nos quais participou de inúmeras bancas de mestrado e doutorado. O quadro do DGP orientou nove alunos de especialização, 34 de mestrado e 22 de doutorado. Também ofereceu quatro disciplinas no curso de graduação de Geologia do Instituto de Geociências da UFRJ, através de três docentes, além de orientar 36 projetos de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso.

Realizou, mesmo após o incêndio, o IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados, que contou com a participação de mais de 100 participantes oriundos de 35 instituições de pesquisa. Nas atividades de curadoria, prosseguiu com a organização e digitalização do acervo e de suas informações, o que possibilitará que muito do material resgatado no

incêndio tenha suas informações recuperadas. Nesse ponto, menciona-se a participação de 10 funcionários, entre técnicos e professores, permanentemente como membros da equipe de resgate. Além deles, todos os outros professores e técnicos trabalharam no resgate de acervo, mais especificamente nas suas salas e áreas de coleção. Algumas toneladas de peças já foram retiradas e, apesar de ainda ser precoce a quantificação e tipificação do montante recuperado, é relevante mencionar o resgate do amonita *Coilopoceras lucianoi*, símbolo da Sociedade Brasileira de Paleontologia.

Na área de extensão, o DGP manteve diversas exposições antes do incêndio e após o incêndio do palácio: respectivamente, as oficinas para as comemorações dos 200 anos e o evento Museu Nacional Vive. Destaca-se a segunda edição do projeto "Meninas com Ciência", que ocorreu após o incêndio e atendeu 175 meninas de 117 escolas privadas e de 58 escolas públicas. É importante destacar também as "Tardes de Geociências", palestras mensais abertas à comunidade científica, que foram interrompidas após o dia 2 de setembro, além do projeto "DGP responde", no qual a comunidade pode fazer perguntas diretamente aos professores e técnicos do DGP por e-mail. Citam-se outros dois projetos de extensão: "Jovens Cientistas da Quinta da Boa Vista" e "A Geologia é para todos". Além disso, dezenas de textos de divulgação e entrevistas também foram publicadas em jornais, sítios eletrônicos de sociedades científicas e mídias jornalísticas.

Você precisa ler:

Ybert, J-P.; Carvalho, M.A.; Scheel-Ybert, R., 2018. Grãos de pólen de plantas vasculares do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 1 ed., Rio de Janeiro: Museu Nacional, 236 p. Série Livros Digital, v. 6.

Witovisk, L.; Carvalho, L. B.; Costa, A. F.; Guedes, E.; Zucolotto, M. E.; Trindade, V.; Souza, T.; Sá, N. P.; Villas Boas, S. N.; Maciel, B. S.; Cabral, U. G.; Paula, P. J. G.; Nunes, S., 2018. Curso de Extensão "Meninas com Ciência": potencialidades da divulgação da Geologia e Paleontologia na perspectiva de gênero. Anuário do Instituto de Geociências UFRJ. (Impresso) 41(2):233-240.

fotografia: Acervo Instituto J. Safra

O Departamento de Invertebrados (DI) conta atualmente com 11 docentes (três deles bolsistas de produtividade do CNPq), quatro técnicos de nível médio, uma de nível superior, no cargo de bióloga, e uma secretária. Em 2018, uma grande conquista para o DI foi a contratação de dois novos docentes, nas áreas de diversidade de Annelida e Malacologia Marinha. Ambos os docentes trazem novas linhas de pesquisa que fortalecem e enriquecem o DI. Outra conquista foi o aumento do quadro técnico, com a chegada de uma bióloga com doutorado e de uma técnica de nível médio. No ano de 2018, os 11 docentes do departamento publicaram 43 artigos científicos.

Como principais ações de extensão, elenca-se a participação do DI no bicentenário do Museu Nacional/UFRJ com oficinas dos setores de Carcinologia, Echinodermata, Aracnologia e do Laboratório de Biodiversidade de Annelida. Destacam-se também as ações realizadas pelo projeto "Coral Vivo", como o curso de capacitação de jovens da Costa do Descobrimento, Bahia (BA), a realização de Encontros Regionais do Plano de Ação para a Conservação dos Ambientes Coralíneos (PAN Corais), juntamente com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a inauguração da exposição "Expedição Coral: 1865-2018", que teve a curadoria de dois docentes do DI.

Além disso, aponta-se a atuação marcante de docentes do DI nos processos governamentais de avaliação do estado de conservação da fauna brasileira de invertebrados, conforme Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção — Invertebrados, de 2018, do qual quatro docentes do Departamento são autores, dois deles participando como coordenadores de táxon (Cnidaria e Porifera) e dois participantes de oficinas de avaliação (Echinodermata e Porifera).

Com o incêndio, o DI perdeu as instalações e a infraestrutura de cinco dos seus nove laboratórios e suas duas maiores coleções, Aracnologia e Malacologia. Docentes e técnicos do DI ajudaram no resgate do acervo durante o incêndio, quando alguns equipamentos ópticos e computadores foram salvos. No momento, parte dos docentes e técnicos estão atuando na recuperação do acervo, em especial, da coleção de Malacologia. Os docentes atingidos e suas equipes estão provisoriamente alojados em laboratórios de colegas situados no Horto Botânico.

Você precisa ler:

Zamudio, K.R.; Kellner, A.; Serejo, C.; De Britto, M.R.; Castro, C.B.; Buckup, P.A.; Pires, D.O.; Couri, M.; Kury, A.B.; Cardoso, I.A.; Monné, M.L.; Pombal, J.; Patiu, C.M.; Padula, V.; Pimenta, A.D.; Ventura, C.R.R.; Hajdu, E.; Zanol, J.; Bruna, E.M. ; Fitzpatrick, J.; Rocha, L.A. 2018. Lack of science support fails Brazil. Science 361: 1322-1323.

Garcia-Cisneros, A.; Palacín, C.; Ventura, C.R.R.; Feital, B. Paiva, P.C.; Pérez-Portela, R. 2018. Intraspecific genetic structure, divergence and high rates of clonality in an amphi-Atlantic starfish. Molecular Ecology 27:752-772.

Ciência em Destaque | VERTEBRADOS

fotografia: Acervo Instituto J. Safra

Pesquisadores do Departamento de Vertebrados (DV) mantiveram em 2018 um papel preponderante na Zoologia Brasileira, por meio de publicações, formação de pessoal e na curadoria das coleções.

Atuaram no Departamento 25 servidores (13 docentes e 12 técnicos), 34 alunos de pós-graduação e 33 de graduação de diversas instituições de ensino do Estado, distribuídos em quatro setores: Ictiologia, Herpetologia, Ornitologia e Mastozoologia. O DV conta ainda com um laboratório de pesquisa em Biodiversidade Molecular e um laboratório de raio-X.

Pesquisadores do DV desenvolveram projetos sobre diversidade e evolução da fauna de vertebrados, tendo realizado mais de 20 expedições de coleta em diversos estados, tais como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e Goiás. Como resultado desses trabalhos, foram publicados mais de uma centena de artigos científicos e capítulos de livros, incluindo descrições de novas espécies de peixes, anfíbios e serpentes e de um novo gênero de passarinho, além de apresentadas diversas conferências e trabalhos em congressos nacionais e internacionais. Também atuaram na elaboração de política nacional de coleções e acesso a recursos genéticos, realizando um constante trabalho de divulgação científica.

Ainda houve a contratação de uma servidora e a premiação do nosso professor Paulo Buckup no Prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo.

Após o dia 2 de setembro, foram alocados no DV cerca de 40 servidores e alunos de departamentos afetados pelo incêndio.

Você precisa ler:

Alves, R.J.V. Weskler, M.; Oliveira, J.A.; Buckup, P.A.; Pombal, José., et al. 2018. Brazilian legislation on genetic heritage harms Biodiversity Convention goals and threatens basic biology research and education. Anais da Academia Brasileira de Ciências (Online), 90:1279-1284.

Espindola, V. C.; Tencatt, L.; Pupo, F. M. R. S.; Villa Verde, L.; Britto, M. R. 2018. From the inside out: a new species of armoured catfish Corydoras with the description of poorly-explored character sources (Teleostei, Siluriformes, Callichthyidae). Journal of Fish Biology 92:1463-1486.

Pós-
Graduação

fotografia: Raphael Pizzino/Coordcom UFRJ

ANTROPOLOGIA SOCIAL

Stricto Sensu **Mestrado e Doutorado**

O Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) foi o primeiro curso de Antropologia a ser fundado no Brasil e completou 50 anos em 2018. Nesses cinquenta anos, foram defendidas 495 dissertações (16 em 2018) e 344 teses (18 em 2018), em grande parte publicadas e muitas delas premiadas — em 2018, por exemplo, uma dissertação de mestrado do PPGAS recebeu o prêmio da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) de melhor dissertação.

O PPGAS mantém avaliação máxima pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ininterruptamente desde seu início e se consolidou como uma instituição de prestígio acadêmico nacional e internacional que tem um papel extremamente relevante na produção de conhecimento antropológico e de formação de quadros para o ensino superior na sua área, inclusive para outros países da América Latina, bem como formação de quadros atuantes em diversas agências governamentais e não governamentais com importantes contribuições na formulação e debate de políticas públicas nos mais variados setores.

Atualmente o PPGAS conta com 20 professores do DA no corpo permanente e um colaborador (professor emérito). Destes, em 2018, 16 eram bolsistas do CNPq e oito eram bolsistas do programa "Cientista do Nosso Estado" (CNE), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Os docentes mantêm ativas 11 linhas de pesquisa e se organizam em 13 núcleos, que funcionam como redes que agrupam docentes e discentes do PPGAS e pesquisadores de outras instituições em torno de projetos específicos.

Totalizou 158 alunos (em outubro de 2018) vindos de diversos estados e países, sendo 107 de doutorado, 41 de mestrado e 10 de programa de Mestrado Interinstitucional (Minter) com a Universidade Federal de Viçosa (UFV) iniciado em 2016.

Em 2018, ofereceu 28 disciplinas teóricas, frequentadas também por número significativo de alunos de outras instituições de pós-graduação.

O PPGAS mantém desde seu início importantes vínculos internacionais de colaboração e intercâmbio, exemplificados em 2018 pelo início do funcionamento de um projeto CAPES-COFECUB com a França e a aprovação de um segundo que se inicia em 2019, ambos com a École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e o segundo também envolvendo a École Normale Supérieure (ENS); a finalização de um convênio com a Universidad Nacional de San Martín (UNSAM) em Buenos Aires; seis projetos internacionais com participação de docentes do PPGAS; a obtenção de posições de professor visitante em universidades de Chicago e Oxford; a intensa participação dos professores em eventos no exterior, exemplificada pela realização em 2018 de 40 palestras, conferências ou apresentações de trabalho em diferentes países; a participação de docentes do PPGAS em 26 conselhos editoriais em periódicos estrangeiros; e ainda a presença de três alunos com bolsas do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) oriundos de outros países da América Latina e três alunos em cotutela com a EHESS (França).

Ainda com relação à internacionalização, destaca-se a relevante publicação de docentes do PPGAS no exterior, seja de livros ou artigos inéditos, seja de tradução de livros já publicados. Por outro lado, o PPGAS vem mantendo intensos intercâmbios com instituições nacionais por meio de projetos como o mencionado Minter, dois projetos apoiados pela CAPES por meio do edital "Memórias Brasileiras" e que envolvem diversas instituições de várias regiões do país, e

um PROCAD-Amazônia aprovado no final de 2018 com a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Também atuamos no sentido de levar conhecimentos e debates antropológicos para um público mais amplo, como a exposição "Primeiros Brasileiros", que em 2018 foi realizada em Brasília, no Memorial dos Povos Indígenas.

Registra-se que o programa vem ganhando uma dinâmica interna renovada e intensa com a implantação pioneira de políticas de ação afirmativa, desde 2012, que já possibilitaram a chegada de 19 estudantes negros ao mestrado e 13 ao doutorado, bem como de nove alunos indígenas de diversas etnias e regiões de origem ao mestrado e seis ao doutorado.

Por fim, é importante mencionar os efeitos desastrosos do incêndio que destruiu integralmente as instalações do PPGAS, com perda da Biblioteca Francisca Keller (BFK), referência para toda a América Latina na área de Antropologia com seus 40 mil itens, bem como das instalações da secretaria, de arquivos históricos e administrativos do programa e dos acervos de pesquisa de docentes e núcleos, formados ao longo de cinco décadas. Entretanto, o PPGAS segue com pleno esforço para a reconstrução, a partir da dedicação de professores, alunos e funcionários.

ARQUEOLOGIA

Stricto Sensu **Mestrado e Doutorado**

O Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGArq), fundado em 2006, tem como objetivo possibilitar a seus alunos uma densa formação teórica aliada à prática arqueológica em campo e em laboratório, buscando a formação de pesquisadores e docentes capacitados para a investigação e transmissão de conhecimentos sobre o passado remoto e recente da humanidade, em particular das diferentes culturas que ocuparam o que hoje é o território brasileiro; a preservação da base de recursos arqueológicos da nação, à luz da legislação arqueológica e ambiental; e a transmissão de conhecimentos em nível de graduação e pós-graduação. Seu corpo docente atua e orienta em três linhas de pesquisa: Estudos de Cultura Material, Povoamento do Território Brasileiro e Populações, Ambiente e Cultura, agrupadas em uma única área de concentração em Arqueologia. O programa, embora muito jovem, alcançou importante crescimento desde sua criação, sendo reconhecido como um polo agregador de alta relevância para a qualificação acadêmica em Arqueologia, destacando-se por sua alta produtividade científica e acadêmica.

O quadro de professores contou em 2018 com 12 docentes permanentes e dois colaboradores. O programa teve 23 projetos de pesquisa em andamento nas três linhas de pesquisa e um total de 135 produções bibliográficas, das quais 55 tiveram discentes como autores. Em 2018 foram ofertadas 12 vagas para o mestrado, sendo 14 inscritos e 10 aprovados no processo seletivo, e dez vagas para o doutorado (sete inscritos e sete aprovados). Nesse ano, 34 discentes estavam inscritos no doutorado e 31 no mestrado, e seis foram titulados em cada curso. O tempo médio de titulação foi de 57 meses no doutorado e 30 meses no

mestrado. O PPGArq dispõe de 13 bolsas para o mestrado (11 CAPES e dois CNPq) e 11 bolsas para o doutorado (nove CAPES e dois FAPERJ).

A grande maioria de egressos do programa permanece vinculada ao desenvolvimento de atividades relacionadas à Arqueologia, seja na área acadêmica ou direcionadas à preservação do patrimônio arqueológico. A maior parte dos mestres já formados encontra-se atualmente engajada em projetos de doutorado, no próprio programa ou em outras universidades. Diversos egressos já estão inseridos no mercado de trabalho, estando alguns envolvidos em projetos contratados. Atualmente, cerca de 20% dos alunos titulados encontram-se empregados como servidores públicos na área de Arqueologia, a maioria aprovada mediante concurso público.

Os docentes do PPGArq ofertaram disciplinas em cursos de graduação da UFRJ e em outras instituições e investiram fortemente na orientação de alunos de iniciação científica.

O PPGArq dispunha, até 2018, de uma infraestrutura laboratorial que era referência internacional em suas diversas áreas de atuação, notadamente Arqueologia pré-colonial, Arqueologia Histórica, Arqueobotânica e Bioarqueologia, mas que foi gravemente impactada pelo sinistro de setembro de 2018. No presente momento, o programa segue fortemente engajado na reconstrução de uma infraestrutura adequada à continuidade das atividades acadêmicas e institucionais. Ainda assim, as aulas e demais atividades acadêmicas mantiveram-se normalmente desde a semana seguinte ao ocorrido, estando concentradas no "Prédio de Ensino" situado no Horto Botânico do Museu Nacional.

No âmbito da cooperação científica, destacaram-se em 2018 os acordos com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Laboratório de Instrumentação Nuclear do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe) da UFRJ, o Laboratório de Modelos Tridimensionais do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e convênio internacional entre o PPGArq e a Universidad de Buenos Aires (UBA), Università degli Studi "Gabriele d'Annunzio" Chieti-Pescara e Gerda Henkel Foundation.

Em 2018, pelo segundo ano consecutivo, o importante Prêmio Luiz de Castro Faria, oferecido pelo Centro Nacional de Arqueologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CNA/IPHAN), foi concedido a discente do PPGArq Leidiana Alves da Mota pela dissertação "Ontem Lenha Hoje Carvão; análise antracológica do Holoceno inicial e médio da Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí-Brasil): paisagem, paleoambiente e paleoetnobotânica".

Ainda, em 2018, o desempenho do PPGArq foi indiretamente reconhecido, internacionalmente, por meio da classificação da UFRJ no QS World University Rankings como uma das 150 melhores universidades do mundo em Arqueologia (o nosso programa é único na Universidade), sendo a 2ª da América Latina e a 1ª da América do Sul.

BOTÂNICA

Stricto Sensu **Mestrado e Doutorado**

O PPGBot iniciou suas atividades em 1972 com o mestrado e em 1998 o doutorado foi implantado. Possui 447 dissertações e 109 teses defendidas e conceito 4 na CAPES. O PPGBot está estruturado na área de concentração Biologia Vegetal, com sete linhas de pesquisa e 19 projetos, os quais abrangem três grandes áreas da Botânica: Morfologia, Taxonomia e Ecologia.

Em 2018, ingressaram no programa 28 alunos (20 no mestrado e oito no doutorado), 14 se titularam (10 no mestrado e quatro no doutorado), e encontraram-se ativos no ano 65 (29 no mestrado e 36 no doutorado). O PPGBot possui cotas de bolsas do Programa de Demanda Social da CAPES (oito no mestrado e 22 no doutorado), do CNPq (sete no mestrado e quatro no doutorado), além de um de mestrado/CAPES de ampla concorrência concedido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, um de mestrado e dois de doutorado do Programa de Capacitação em Taxonomia (PROTAX)-II e um de doutorado do edital CAPES-ANA.

O corpo docente é formado por professores do Museu Nacional, do Instituto de Biologia e da Faculdade de Farmácia da UFRJ, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), e possui 26 docentes (19 no Núcleo Permanente (NP) e sete colaboradores). O programa tem nove professores bolsistas de produtividade do CNPq e dois Jovens Cientistas do Nosso Estado da FAPERJ.

O PPGBot possui uma bolsa de pós-doutoramento no Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES. São oferecidas 45 disciplinas classificadas como de formação geral, obrigatórias e específicas para vegetais vasculares e avasculares, das quais 24 foram ofertadas em 2018. As disciplinas de Tópicos Especiais viabilizam a oferta aos alunos de conteúdos não previstos na grade curricular regular, e foram ministrados oito diferentes temas em 2018. Nesse contexto, foi ministrada de 10 a 20 de setembro a disciplina "Diversidade das Trepadeiras nos Neotrópicos", pelo Dr. Pedro Acevedo Rodriguez, do National Museum of Natural History, Estados Unidos. A disciplina contou com 20 alunos entre discentes do PPGBot e discentes externos. A abrangência das disciplinas, contemplando as diversas subáreas da Botânica, faz com que o Programa receba alunos de outros Programas de Pós-Graduação da UFRJ e de outras instituições. Assim, em 2018, oito disciplinas receberam 14 alunos de outros PPGs, a saber: JBRJ, Universidade Federal de Rondônia (UFRO), UERJ, UFRJ, UFRRJ e Universidade de São Paulo (USP). Foram publicados 97 artigos científicos.

A UFRJ ganhou recursos do edital CAPES-PRINT (Programa Institucional de Internacionalização) e o PPGBot foi contemplado com quatro missões entre 7 e 20 dias no exterior, quatro bolsas do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) de seis meses e três bolsas Jovem Talento com experiência no exterior. Foram apresentados 15 trabalhos por oito discentes e seis docentes do NP em dois eventos internacionais: XII Congresso Latinoamericano de Botânica em Quito, Equador e International Conference on Comparative Biology of Monocotyledons — Monocots VI, em Natal.

São desenvolvidos os seguintes projetos com cooperação internacional: 1) Controle de florações de cianobactérias em sistemas aquáticos tropicais: estudos em mesocosmos — parceiros: UFRJ, UERJ, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Wageningen University, Wageningen, Holanda; 2) Grupo de Pesquisa Internacional (GDPI) Diversidade, Evolução e Biotecnologia de Algas Marinhas (DEBAM) — parceiros: UFRJ, UERJ, USP,

Université de Sorbonne, IRN, a Pontificia Universidad Catolica de Chile, a Universidad Austral de Chile, a Universidad de Los Lagos, a Universidad de Concepción, a Universidad Católica de la Santísima Concepción, a Universidad de Magallanes; e 3) Evolução e Diversificação de Bromélias no Neotrópico — parceiros: UFRGS, UNIRIO, Universidade de Viena (Áustria) e Universidade de Gotemburgo (Suécia). Projetos do PPGBot tiveram auxílios para desenvolvimento de pesquisa e/ou para pagamento de bolsistas (Iniciação Científica a Pós-Doutoramento), de diversos órgãos de fomento (FAPERJ, CNPq, CNPq/MCTIC/FAPs PROTAX, PIBIC-UFRJ/ CNPq, PROPPG/UFRRJ, UFRRJ/PIBIC, UNIRIO-PROPGPI/DPQ, CAPES-ANA, CAPES-PRINT).

O PPGBot e o Departamento de Botânica, por funcionarem em prédio no Horto Botânico, não foram diretamente atingidos pelo incêndio no palácio. Todas as atividades de secretaria, atividades didáticas, de pesquisa e a integridade do acervo foram preservadas.

GEOLOGIA DO QUATERNÁRIO

Lato Sensu

O curso de especialização em Geologia do Quaternário é oferecido pelo DGP desde 2001 ininterruptamente, oferecendo 15 vagas anuais. Trata-se de um curso *lato sensu* gratuito e interdisciplinar que integra as áreas de Geologia, Paleontologia e Arqueologia. O corpo docente é formado majoritariamente por docentes do Museu Nacional e do Instituto de Geociências da UFRJ, com colaboradores da UERJ e UNIRIO. Voltado para profissionais formados nas áreas de Geologia, Geografia, Oceanografia, Biologia, História, Arqueologia, Engenharia, entre outros interessados no conhecimento das técnicas aplicadas ao estudo da Geologia do Quaternário.

Esse curso tem por objetivo a formação de pesquisadores que visem ao estudo dos problemas geológicos, paleontológicos e arqueológicos ocorridos no Período Quaternário, por meio da descrição, análise e interpretação de elementos da Geologia do Quaternário, bem como da utilização da literatura especializada, implicando na dinamização e atualização de profissionais.

O curso é composto por cinco disciplinas obrigatórias e 20 eletivas, todas com carga horária de 45h. As aulas são teóricas e práticas, com algumas disciplinas que apresentam trabalhos de campo obrigatórios. Para a sua conclusão e obtenção do título de especialista em Geologia do Quaternário, o aluno deve cursar 450h (podendo chegar a 495h) e apresentar uma monografia de conclusão com tema pertinente ao curso no prazo máximo de 16 meses.

Em 2018, foram 16 candidatos inscritos na seleção, com a aprovação de 12 alunos. Desses, sete cumpriram os requisitos das disciplinas e estão em fase de elaboração de suas monografias

de conclusão de curso, que serão excepcionalmente avaliadas até julho de 2019, em razão do incêndio.

Ainda em 2018, foi aprovada a reformulação da grade curricular do curso para diminuir sua carga horária e adequá-lo ao nível de uma especialização. A nova grade também oferece cinco disciplinas obrigatórias de 45h e 15 disciplinas eletivas de 30h. Assim, para a obtenção do título, o aluno deverá cumprir 375h e ser aprovado em sua monografia de conclusão.

LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS

Stricto Sensu e Lato Sensu **Mestrado Profissional**

O Setor de Linguística, vinculado ao Departamento de Antropologia, foi criado em 1958, estando entre os seus idealizadores o conhecido linguista Joaquim Mattoso Câmara Júnior — responsável pela introdução da Linguística como ciência no Brasil. Mantém três cursos de pós-graduação, a saber: mestrado profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLLIND), curso de especialização em Línguas Indígenas Brasileiras (CELIB) e o curso de especialização em Gramática Gerativa e Estudos de Cognição (CEGEC). O Programa comporta, ainda, o Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN), especializado em línguas indígenas e variedades do português do Brasil, com acervo composto de materiais textuais, sonoros e visuais, e também um laboratório. Em anos mais recentes, assumiu características de centro de pesquisa, a fim de conduzir investigações, sobretudo, a respeito das línguas indígenas faladas no Brasil.

O campo de pesquisa dos professores e pesquisadores é bastante amplo e visa a assegurar a amplitude e a pluralidade da pesquisa e da formação. Atualmente, entre os principais eixos de pesquisa desse grupo de profissionais, estão as investigações sobre teoria da gramática, categorias gramaticais (funcionais), fonologia, (etno-) semântica, política linguística, escrita e oralidade, a que se juntam o estudo/reinterpretação de gramáticas produzidas sobre línguas indígenas e a reelaboração, sob um ângulo formal, de características tipológicas. Um outro eixo de pesquisa reagrupa estudos sobre categorias de língua e categorias cognitivas que colocam em relação, de um lado, língua/cultura/sociedade e, de

outro lado, língua e cognição. Ainda no âmbito desse último eixo, outros estudos buscam explicitar a relação língua/discurso, sobretudo quando entra em pauta o modo como vem se constituindo a posição discursiva sujeito-índio em termos políticos e ideológicos ao longo da história do contato.

O programa volta-se, particularmente, para a formação de pesquisadores em línguas indígenas brasileiras mediante o estudo de métodos para a coleta, a descrição e a análise de dados de línguas indígenas à luz de teorias linguísticas atuais e a documentação, a avaliação e a reanálise de material descritivo, publicado e inédito, já existente, assegurando, assim, conhecimentos sobre classificação, formação histórica do campo de conhecimento, relações língua/cultura/sociedade e relações entre língua e cognição.

Oferece cursos de extensão no contexto do próprio Museu Nacional, havendo ainda atividades de assessoria linguística fora da sede a diversos grupos indígenas falantes de diferentes línguas e situados em diferentes pontos do território nacional, como, por exemplo, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Paraná. As demais atividades de ensino, por razões de configuração institucional, vêm sendo exercidas em situação de colaboração intra e interinstitucional.

O mestrado profissional em Linguística e Línguas Indígenas teve desempenho reconhecido internacionalmente em 2018, vinculado a uma das cinco áreas que classificou a UFRJ entre as 100 melhores do mundo, de acordo com QS World University Rankings by Subject, publicado em 2019.

PATRIMÔNIO GEOPALEONTOLÓGICO

Stricto Sensu **Mestrado**

O Programa de Pós-Graduação em Geociências — Patrimônio Geopaleontológico (PPGGeo) surgiu da experiência adquirida pelo DGP ao longo de mais de 15 anos com o Curso de Especialização em Geologia do Quaternário, da atuação de seus pesquisadores em outros programas de pós-graduação, da vivência de curadoria de coleções geocientíficas (desde o século XIX), do vasto conhecimento e trabalho de seus pesquisadores em sítios geológicos e paleontológicos e da percepção da carência de cursos voltados para a formação de profissionais capazes de atuar no reconhecimento, preservação e gestão do patrimônio geocientífico nacional.

O corpo docente é composto por 21 professores pesquisadores que ministram anualmente 27 disciplinas distribuídas em quatro trimestres.

O grandioso incêndio que ocasionou a total destruição da área interna do palácio, abrangendo exposições e diversas instalações de pesquisa e ensino, impactou fortemente o PPGGeo. Todas as coleções científicas relacionadas ao programa foram atingidas. A perda total só será conhecida após o término do processo de resgate, porém pode ser considerada de grande monta. A quase totalidade dos laboratórios de pesquisa (cerca de 90%) foi destruída, de modo que os equipamentos utilizados para esse fim foram perdidos, assim como todo o mobiliário relacionado.

Outro impacto de fundamental relevância foi a perda de toda a documentação histórica e administrativa do Programa.

Até 2018, foram concluídas 21 dissertações (duas turmas). No momento, o programa, em conjunto com discentes e orientadores, já reformulou total ou parcialmente os projetos de dissertação atingidos. Entre as dissertações em desenvolvimento, aproximadamente 20% foram fortemente impactadas, de modo que profundas alterações serão necessárias; cerca de 40% sofreram impacto mediano, demandando modificações relativamente amplas; e as restantes 40%, especialmente aquelas em fase final, tiveram um impacto mais brando, de modo que com algumas modificações menores poderão atingir plenamente os objetivos inicialmente propostos.

Em que pesem as grandes dimensões do incêndio, o programa não interrompeu suas atividades, pois tanto a secretaria administrativa quanto as salas de aula foram preservadas por se localizarem em outros prédios destinados às atividades educacionais do Museu. Desse modo, foi possível garantir a manutenção do período letivo em desenvolvimento. Também as atividades extraclasse (cursos e palestras) foram mantidas, inclusive com a realização do curso de Biomecânica, ministrado por especialista estrangeiro, no período de 8 a 12 de outubro de 2018, que contou com a participação de 18 discentes.

Com a colaboração da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ, os processos administrativos perdidos já se encontram em fase final de reestruturação. Essas iniciativas e o trabalho árduo e dedicado de todos os integrantes do Programa permitiram manter o processo seletivo para a turma de 2019 (20 vagas oferecidas). Em função do exposto, o corpo social do PPGGeo desenvolve iniciativas em diferentes linhas de pesquisa, visando à superação do impacto do incêndio, conforme descrito nas ações a seguir.

-Reposição de acervo: em implementação por meio de obtenção de recursos financeiros para subsidiar a realização de trabalhos de campo.

-Reposição de equipamentos: linhas de apoio para esse fim estão em processo de buscas para a recomposição dos laboratórios e retomada das pesquisas presentes e futuras.

-Reposição de mobiliário: a exemplo do relatado no item anterior, os laboratórios e gabinetes de pesquisa também buscam a reposição de seu mobiliário.

-Extensão do período de bolsa sem impacto em bolsas para turmas novas: no que se refere aos projetos em andamento, principalmente aqueles atingidos em maior grau, temos como objetivo a ampliação do prazo de manutenção das bolsas de estudo dos alunos, e a preocupação que essa ação não ocasione a interrupção da concessão de novas bolsas para as turmas futuras, fato que poderia impactar a continuidade do programa.

-Revisão do processo avaliativo (próximos dois quadriênios): nesse aspecto, foi pedido à CAPES uma revisão do processo avaliativo do Programa, visto que, além dos impactos decorrentes do incêndio, o Programa é um "curso novo". Dessa forma, foi solicitada uma reunião ou visita do Comitê de Geociências ao Museu Nacional, para apontar o melhor procedimento a ser adotado.

ZOOLOGIA

Stricto Sensu **Mestrado e Doutorado**

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas — Zoologia (PPGZoo) foi criado em 1972. Com quase 50 anos de tradição, o Programa tem como missão fundamental a formação de mestres e doutores aptos a se tornarem profissionais qualificados para o exercício de atividades em pesquisa científica e magistério superior em Zoologia, bem como para serem elementos multiplicadores na formação de pessoal. A realização dessa missão está vinculada à concepção de que o ensino e a pesquisa são atividades necessariamente articuladas, o que é alcançado pelos objetivos: proporcionar aos discentes a base teórico-prática, por meio da grade curricular, e demais condições estruturais e outros recursos, para o bom desenvolvimento de seus projetos; promover a discussão acadêmica, no âmbito do programa, através de seminários internos, palestras de professores convidados etc.; estimular o intercâmbio entre os discentes e a comunidade científica nacional e internacional mediante participação em congressos, visitas a coleções científicas; estimular a divulgação, pelos discentes, dos resultados de suas pesquisas por meio da publicação de artigos em periódicos qualificados; garantir a experiência acadêmica e científica para que os discentes possam vir a exercer, no futuro, as atividades de orientação nos níveis de graduação e pós-graduação; promover ações que permitam aos discentes atuar em atividades de extensão e em experiências de docência.

O PPGZoo atua na área de concentração Zoologia, incluindo projetos em variados temas distribuídos por quatro linhas de pesquisa: Sistemática e Biodiversidade; Ecologia Animal e Conservação; Paleontologia; e Zoologia Aplicada. A estrutura curricular prevê disciplinas básicas na área de Zoologia, bem como disciplinas mais específicas, que permitam ao estudante a oportunidade de aprofundamento em diferentes metodologias, técnicas e teorias da subárea em que optarem por se especializar em suas vidas profissionais.

O quadro docente do PPGZoo incluiu, em 2018, 40 orientadores, entre aqueles vinculados ao Museu Nacional ou ao Instituto de Biologia. Até o final de 2018, foram formados 701 mestres e 251 doutores. Ao longo de 2018, passaram pelo PPGZoo 149 discentes e foram realizadas 18 titulações no curso de mestrado e 19 no curso de doutorado.

Os pontos fortes do PPGZoo são a diversificação de seus projetos de pesquisa, a produção bibliográfica altamente qualificada, o alto grau de internacionalização e a intensa atuação de docentes e discentes em ações de inserção social.

A integração com a graduação também é bem intensa, com vários professores atuando em disciplinas do curso de Ciências Biológicas da UFRJ e em orientações de iniciação científica.

A melhor forma de reconhecer o sucesso da missão fundamental do PPGZoo se dá por meio da colocação profissional de seus discentes egressos, muitos tendo se tornado pesquisadores dispersados pelo Brasil, onde contribuem na criação de novos núcleos, e seguindo com destaque na vida acadêmica e de pesquisa. Em 2018, foram publicados 213 artigos em periódicos científicos, enquanto 23 discentes viajaram ao exterior para estágio sanduíche ou missões de visitas a coleções ou participação em congressos. Em 2018, o PPGZoo integrou o Projeto de Internacionalização da UFRJ, contemplado com recursos para aumentar o intercâmbio internacional.

Coleções Científicas

ANTROPOLOGIA
BOTÂNICA
DIDÁTICA
ENTOMOLOGIA
GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA
HISTÓRICO-ARTÍSTICA
INVERTEBRADOS
VERTEBRADOS

fotografia: Acervo Seção de Assistência ao Ensino

A coleção de Antropologia Biológica teve o seu acervo representado por 3.000 exemplares reunidos em 2.336 lotes afetados pelo trágico incêndio ocorrido em 2 de setembro de 2018. Este acervo incluía, dentre outros itens de destaque, o mais antigo remanescente de *Homo sapiens* encontrado em território nacional (região de Lagoa Santa, MG) e um dos mais antigos das Américas - o crânio de Luzia, além da maior coleção sobre o antigo povo que habitou essa região milhares de anos atrás representada por cerca de 200 fragmentos ósseos de indivíduos de Lagoa Santa. Após o sinistro, o setor vem se dedicando ao trabalho de resgate de peças que resistiram ao incêndio em parceria com funcionários de diferentes setores do MN. Nesse processo, até o final de 2018, várias peças inteiras ou fragmentadas foram encontradas, incluindo aproximadamente 80% do crânio de Luzia. Outras atividades do setor no que concerne ao acervo e curadoria foram:Revisão da organização e novo inventário do material do sítio arqueológico Sambaqui Ilhote do Leste e subsequente continuidade do tombamento.

Revisão da organização, inventário, reacondicionamento e preparação para tombamento do material do sítio Condomínio do Atalaia.

Organização, limpeza, inventário e preparação para análise de remanescentes recuperados na Praça XV, cuja tutela pelo Museu Nacional será apenas temporária. Revisão e preparação para revisão do inventário das coleções: Botocudos e Lapa Mortuária de Confins. Tal ação se deve, no primeiro caso, pelos estudos realizados sobre a "coleção de Botocudos" a partir de uma perspectiva descolonizatória, o que leva obrigatoriamente a rever a estrutura desse conjunto. No caso de Lapa Mortuária, após datações sugerirem a presença de conjuntos temporalmente muito diferentes de remanescentes humanos, buscamos separar o material com base em características tafonômicas; caso essa estratégia fosse bem-sucedida, uma nova organização seria dada a essa coleção.

A Coleção Arqueológica é composta por um conjunto de acervos com características distintas entre si e armazenado em diferentes espaços.

A Reserva Técnica de Arqueologia abrigava, até setembro de 2018, excepcional acervo arqueológico, único em solo brasileiro e o maior do país, composto por mais de 150.000 peças (24.441 tombos, estimado em mais de 100.000 itens, mais 50.000 peças de *backlog*). Esse acervo se caracterizava pela alta diversidade dos artefatos conservados, abrangendo culturas arqueológicas desde o Paleolítico Superior europeu até o Brasil Histórico do século XIX, e englobando coleções relacionadas a diferentes culturas pré-históricas e históricas que existiram no Brasil, em outras partes das Américas e no Velho Mundo — aí entendidas Europa, Ásia e África — em intervalos de tempo multimilenares. Sua extraordinária diversidade incluía artefatos líticos do Paleolítico Superior; múmias e objetos cerimoniais egípcios; cerâmicas, vidros, bronzes, afrescos greco-romanos; milhares de artefatos líticos, cerâmicos, ósseos e metálicos de diferentes culturas pré-históricas americanas, desde caçadores/coletores até as chamadas altas culturas, provenientes do México, Venezuela, Peru, Bolívia, Chile, Uruguai, e sobretudo do Brasil, assim como peças do período histórico, tanto colonial quanto imperial, recuperadas em escavações arqueológicas. Destacavam-se importantes coleções de Arqueologia Clássica (Egito Antigo e Mediterrâneo) e Andina (pré-colombiana), além de um acervo inigualável de Arqueologia Brasileira representando desde o sul do país até a Amazônia. Este último incluía coleções reunidas desde 1867 até coleções recentes formadas pelos professores da casa. A maioria dessas coleções era absolutamente única em território brasileiro e mesmo mundial, não só em Arqueologia Brasileira, mas também no que se refere às coleções egípcia e mediterrânea.

O Laboratório de Arqueologia Casa de Pedra abriga importantes coleções relacionadas à arqueologia costeira, principalmente do estado do Rio de Janeiro, especialmente de sambaquis e grupos ceramistas, além de material histórico relacionado a salvamento arqueológico (cerca de 200.000 itens). A Reserva Técnica do Horto ("Reserva 2") abriga, principalmente, material histórico oriundo de atividades de salvamento arqueológico, além da coleção arqueológica associada às escavações da professora aposentada do Museu Nacional Dra. Maria da Conceição Beltrão (estimada em mais de 50.000 itens). Finalmente, uma coleção arqueológica oriunda de atividades de salvamento arqueológico sob responsabilidade da professora aposentada Tania Andrade Lima encontra-se temporariamente armazenada em contêineres (estimada em cerca de 180.000 peças).

O incêndio que assolou o Palácio atingiu duramente a Reserva Técnica de Arqueologia, mas sob os escombros uma grande parte do material está sendo recuperada. Não é possível ainda, neste momento, fazer uma estimativa quantitativa do número de peças recuperadas, mas os resultados obtidos até agora pela Equipe de Resgate do Museu Nacional são extremamente promissores e fazem crer que uma parte significativa da Coleção será recuperada.

Além disso, todo o material armazenado no Horto Botânico foi preservado, aí incluídos o Laboratório de Arqueologia Casa de Pedra, a Reserva Técnica do Horto e contêineres provisórios.

As Coleções Arqueobotânicas consistem em um conjunto de coleções inter-relacionadas abrigadas pelo Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem (LAP) do setor de Arqueologia. Englobam, por um lado, Coleções de Referência — coleções de partes de plantas atuais bem determinadas taxonomicamente que têm por objetivo subsidiar a identificação de remanescentes botânicos de origem arqueológica ou natural e assim contribuir para pesquisas arqueobotânicas, paleoecológicas e de conservação de ecossistemas florestais, além de contribuir com estudos de anatomia e morfologia vegetal. Por outro lado, englobam Coleções Arqueobotânicas — as quais reúnem amostras de remanescentes vegetais de sítios arqueológicos de diversas afiliações culturais que ocuparam o território brasileiro, desde tempos pré-coloniais até o período histórico. Incluindo todas as seis subcoleções Arqueobotânicas (Antracoteca, Xiloteca, Carpoteca, Fitoliteca, Amidoteca, Laminoteca de madeira, Antracologia e Microarquobotânica) o acervo inclui 10.518 lotes tombados com estimativa de 527.587 itens e outros 600 itens em *backlog*. Descrevem-se a seguir as coleções:

Antracoteca: coleção de referência de madeiras atuais carbonizadas. Iniciada em 1994, ela foi a primeira e, até 2018, a maior coleção de madeiras tropicais carbonizadas e a segunda maior coleção de carvões atuais no mundo, secundando apenas a coleção da Université Montpellier-II, na França. A Antracoteca do LAP continha 2.358 espécimes pertencentes a 1.286 espécies e 548 gêneros, em 103 famílias. As amostras são provenientes de várias formações vegetais brasileiras (especialmente Mata Atlântica, mata semidecídua, cerrado, restinga e manguezal), obtidas por coletas de campo e doações de xilotecas, sendo 23% deste total voucherizadas. Amostras de madeiras

não carbonizadas são conservadas para a maior parte das amostras da antracoteca, visando possibilitar estudos futuros em anatomia do lenho, experimentação ou outros.

Carpoteca: coleção de referência de frutos, sementes e órgãos subterrâneos, incorporando tanto espécies da flora atual de diversas formações vegetais brasileiras, quanto espécies de plantas cultivadas, nativas e introduzidas, obtidas a partir de coletas de campo, solicitação de doações a herbários e carpotecas, ou aquisição em feiras e mercados, além de um número importante de amostras obtidas a partir de um convênio com a EMBRAPA. Esta coleção contém atualmente mais de 500 amostras que são conservadas por dessecação, carbonização ou em meio úmido, visando uma comparação mais direta com o material arqueológico.

Coleções microbotânicas: coleções de referência de fitólitos e grãos de amido. Compostas por lâminas com microvestígios retirados de frutos, sementes, raízes, tubérculos ou partes vegetativas das plantas da Carpoteca, podendo ser preparadas a partir de plantas frescas ou de material obtido por doação de herbários e outras coleções científicas. Esta coleção contém atualmente cerca de 100 amostras de fitólitos e grãos de amido, estando em franco crescimento.

Coleções arqueobotânicas: coleção de remanescentes botânicos arqueológicos, principalmente carvões, oriundos de diversos sítios pré-coloniais e históricos.

Coleções microarqueobotânicas: consiste em conjuntos de lâminas de microvestígios vegetais (especialmente fitólitos e grãos de amido) de diversos sítios arqueológicos, históricos e pré-históricos, de diversas afiliações culturais que ocuparam o território brasileiro.

Todas essas coleções foram integralmente perdidas no incêndio. Projetos de reconstrução estão em curso.

Os dados de que dispõe o Setor de Etnografia e Etnologia (SEE) indicavam, anteriormente ao incêndio, a existência de 41.495 itens tombados distribuídos em três principais espaços: na exposição permanente, na reserva principal (R1) e na reserva R2. Um processo de inventário estava em curso para se identificar o local e estado de conservação das peças desses registros.

Além disso, com base no livro de tombo, se pretendia buscar identificar objetos de interesse de pesquisas desenvolvidas em outros departamentos do Museu Nacional, que em decorrência disso não se encontravam naquele momento nos espaços do SEE. Ainda não incorporadas neste levantamento, existem duas coleções que escaparam ao incêndio. A primeira, intitulada "Os Primeiros Brasileiros", com cerca de 300 objetos, resulta de uma exposição multimídia sobre os povos indígenas do nordeste. De agosto/2018 a fevereiro/2019, estava em itinerância no Memorial dos Povos Indígenas em Brasília. Dela, existem catálogos (em português e espanhol), inventário parcial, documentação fotográfica e material didático. A segunda foi doada ao SEE pelos herdeiros do antropólogo Rafael Pessoa e ainda não havia sido inventariada, pois necessitava de higienização e restauro.

Ainda não incorporadas neste levantamento, existem duas coleções que escaparam ao incêndio. A primeira, intitulada "Os Primeiros Brasileiros", com cerca de 300 objetos, resulta de uma exposição multimídia sobre os povos indígenas do nordeste. De agosto/2018 a fevereiro/2019, estava em itinerância no Memorial dos Povos Indígenas em Brasília. Dela, existem catálogos (em português e espanhol), inventário parcial, documentação fotográfica e material didático. A segunda foi doada ao SEE pelos herdeiros do antropólogo Rafael Pessoa e ainda não havia sido inventariada, pois necessitava de higienização e restauro.

O SEE contou por décadas com um quadro de funcionários absolutamente insuficiente ante a extensão e complexidade das coleções etnográficas, bem como para atender a grande quantidade de solicitação de consultas e pesquisas no acervo. Em razão disso, foram estabelecidas parcerias com pesquisadores de modo a melhor organizar e documentar coleções específicas.

O antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, da Universidade Federal de Goiás (UFG), durante estágio pós-doutoral realizado no Museu Nacional, realizou a identificação e estudo da coleção Karajá.

Mariza de Carvalho Soares, com o apoio dos técnicos do SEE, realizou o levantamento da coleção africana. Com apoio financeiro da FAPERJ, organizou a exposição "Kumbukumbu", cujo catálogo possui versão impressa e digital.

A coleção de cultura popular foi documentada por meio de colaboração com a professora Renata Menezes do PPGAS e seus alunos.

O povo indígena com coleção mais numerosa era o Ticuna (AM), com mais de mil objetos, organizada e documentada por meio de projeto de pesquisa, tendo como assistente Bianca Castro França e o indígena Salomão Clemente (Ticuna). Daí resultou a dissertação de mestrado, a primeira sobre a coleção Ticuna, defendida no Programa de Pós-Graduação em Conservação de Acervos do Museu de Astronomia (MAST), e que deverá ser transformada em livro.

Coleções Científicas | BOTÂNICA HERBÁRIO

Durante 2018, o Herbário (acrônimo R no Index Herbariorum) foi formado por um *staff* permanente de 14 integrantes (três docentes, um tecnólogo-gerente de coleções botânicas e oito técnicos em herbário), além de 30 estagiários.

O acervo se distribui em três coleções: Fanerógamos, Criptógamos e Tipos, cada uma supervisionada por um curador em conjunto com o curador-geral. Os espécimes históricos, embora não constituam coleção à parte, também se mantém sob a supervisão de um curador. Visando à reorganização do acervo, uma nova quantificação de material encontra-se em andamento. Até dezembro de 2018, foi inventariado cerca de 27% do acervo, cujos números extrapolados resultaram em uma estimativa de tamanho total de 286.718 espécimes de plantas (camisas). O herbário R, desde 2008, integra o projeto INCT-Herbário Virtual da Flora e Fungos do Brasil (INCT-HVFF) — rede de cooperação entre 116 herbários nacionais —, com colaboração de instituições estrangeiras e suporte do CNPq, Capes e Fundações de Amparo à Pesquisa (Faps). No ano de 2018, o herbário realizou 109 intercâmbios nacionais e 19 internacionais, bem como contou com 78 visitantes e 194 consultas. Além disso, 587 novos exemplares foram incluídos. O Herbário R publica seus dados no portal INCT-HVFF, bem como no Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBr), Global Biodiversity Information Facility (GBIF) e Integrated Digitized Biocollections (iDigBio). A coleção de Typi está disponibilizada, ainda no Global Plants. Em 2018, considerando-se as três coleções, o R totalizou 59.775 registros em linha — 40.644 da coleção geral, 12.534 Criptógamos e 6.597 de Tipos, que significou um incremento de 13% do total de dados (8% georreferenciados) e 25% (4.546) de imagens de acesso livre e aberto, respectivamente. Em breve, o herbário também utilizará a plataforma do JABOT, já em fase final de teste.

Nesse ano, foram consultados um total de 2.592.938 registros e 15.537 imagens da coleção R, 472.549 registros e 11. 629 da coleção Tipos e 364.008 registros e 99 de imagens da coleção Criptógamos disponíveis em linha.

Em 2018, 104 publicações em veículos de impacto utilizaram os metadados das coleções (38 da coleção geral, 10 de Criptógamos e 18 de Tipos). O Herbário também participou das atividades de extensão em comemoração aos 200 anos do Museu Nacional e da Primavera nos Museus.

Coleções Científicas | DIDÁTICA

A coleção didática para empréstimo da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) vem, desde 1959, sendo utilizada para difundir as pesquisas e exposições do Museu, mediante ações educativas dentro e fora de seus muros. Composta por itens coletados e doados pela equipe de pesquisadores e servidores do Museu, assim como de outras instituições, a coleção conta com mais de 2.000 itens de material paleontológico e geológico (rochas, minerais e fósseis); zoológico (poríferos, cnidários, platelmintos, anelídeos, moluscos, aracnídeos, equinodermos, peixes, répteis, anfíbios, aves e mamíferos) e ainda partes anatômicas e fetos humanos.

Devido à tragédia ocorrida em setembro de 2018, o material da coleção da SAE atualmente está acondicionado em três setores do Departamento de Vertebrados; porém, os empréstimos da coleção continuaram quase ininterruptamente. A segregação dos itens da coleção tem dificultado o processo de empréstimo, suspenso apenas no mês de setembro, mas a procura pelos materiais de empréstimo do Museu tem crescido continuamente ao longo dos anos. O grande interesse do público pela coleção didática da SAE pode ser percebido pelo número de solicitações de uso por parte de professores do ensino infantil, fundamental, médio e universitário, além de outras instituições — por exemplo, organizações não governamentais (ONGs) e museus. Entre 2017 e 2018, 4.714 lotes foram emprestados, atingindo, assim, direta ou indiretamente, um público superior a 36.000 pessoas. Por se tratar de uma coleção disponível para empréstimo, muitas vezes constitui o primeiro ou até o único contato do público com o material do Museu Nacional, seja por ele residir em áreas mais distantes, seja por dificuldades de deslocamento. Assim, o material didático é usado para diversos fins educativos, como aulas convencionais, aulas em laboratório, feiras de ciências, exposições, palestras, cursos, projetos e diferentes eventos de divulgação científica, de difusão e popularização da ciência, sendo disponibilizados espécimes para demonstração prática na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, MCTIC), em feiras de ciências nas escolas e em exposições no Espaço Ciência Viva, entre outros.

Dessa maneira, o Museu Nacional colabora com outros museus e centros de ciências na esfera nacional, cumprindo seu papel no desenvolvimento de uma consciência científica no campo das Ciências Naturais e no apoio a ações governamentais. A coleção tem sido fundamental para a continuidade das atividades da SAE que, não apenas continua com os empréstimos do material, mas também, desde o incêndio, tem estado presente todos os domingos no Parque da Quinta da Boa Vista com o intuito de manter e fortalecer a relação do Museu com a sociedade. Além disso, a SAE visita diversas escolas e instituições científicas e desenvolve atividades educativas utilizando a referida coleção.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
APTERYGOTA

A coleção de Apterygota (traças, colembolas, etc...) teve o seu imenso acervo de 6 milhões de exemplares totalmente perdido decorrente ao incêndio do dia 2 de setembro de 2018.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
BLATTARIA

A coleção de Blattaria apresentava, antes do incêndio, uma estimativa de 25.000 exemplares. Após o incêndio, todos eles foram perdidos, inclusive material emprestado da coleção entomológica da USP, que se encontrava em álcool para ser identificado, por ocasião das teses de doutorado de dois alunos do Programa de Pós-Graduação em Zoologia. Por meio de coletas de campo, após o incêndio, foram recebidos e curatoriados 510 exemplares.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
COLEOPTERA

A coleção de Coleoptera apresentava, antes do incêndio, uma estimativa de 3.400.000 exemplares. Após o incêndio, todos eles foram perdidos, exceto cerca de 1.500 exemplares que estão em empréstimo a pesquisadores de diversas instituições no Brasil e no exterior. Por meio de doações, foram recebidos cerca de 3.000 exemplares. Foram realizadas coletas de campo, onde obtiveram-se cerca de 3.000 exemplares. Estima-se que o total da coleção de Coleoptera hoje seja de 7.500 exemplares.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
DIPTERA

A coleção de Diptera (exceto os dípteros aquáticos) apresentava, antes do incêndio, uma estimativa de 550.000 exemplares. Com o incêndio, a maioria destes foi perdida, restando cerca de 42.000 espécimes que estavam alocados no Laboratório DIPNEO no Prédio Anexo Alípio de Miranda Ribeiro e, aproximadamente 650 espécimes que estavam sob empréstimo a pesquisadores de diversas instituições. Dentre estes 42.000 exemplares, inclui-se valioso material-tipo de dez famílias, com destaque para Cecidomyiidae, cujo acervo reune cerca de 10 mil exemplares, distribuídos em 1.400 tipos de 112 espécies de 46 gêneros. Essa coleção é reconhecidamente a mais importante e representativa desta família de dípteros na Região Neotropical. Além do material-tipo dos

Cecidomyiidae, o Laboratório DIPNEO abriga 234 holótipos de 79 gêneros de outras nove famílias. São elas Muscidae (com 147 holótipos de 50 gêneros), Fanniidae (25 holótipos de dois gêneros), Anthomyiidae (18 holótipos de nove gêneros), Agromyzidae (18 holótipos de quatro gêneros), Calliphoridae (12 holótipos de cinco gêneros), Drosophilidae (11 holótipos de um único gênero), Ephydridae (nove holótipos de quatro gêneros), Bombyliidae (três holótipos de três gêneros) e Syrphidae (um holótipo). Após o incêndio, diversos lotes de dípteros em álcool foram obtidos por doação ou por coletas de campo realizadas por docentes e técnicos do departamento e colaboradores, material ainda em fase de triagem, montagem e identificação, e estima-se que hoje o total da Coleção de Diptera (exceto os dípteros aquáticos) seja de aproximadamente 43.500 exemplares.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
HEMIPTERA

Infelizmente, a coleção de Hemiptera (*sensu lato*, Heteroptera, Coleorrhyncha, Auchenorrhyncha e Sternorrhyncha) foi quase inteiramente destruída pelo trágico incêndio na noite de 2 de setembro de 2018. Essa coleção abrigava aproximadamente 160.000 exemplares, incluindo cerca de 900 holótipos. A coleção de Heteroptera, com aproximadamente 100.000 espécimes, era uma das mais importantes da América Latina. Essa coleção abrigava espécies de diversas famílias, sendo especialmente rica em representantes dos Miridae (cerca de 22.000 espécimes). A maioria das espécies era proveniente da região neotropical. Entretanto, espécies procedentes de outras regiões zoogeográficas também estavam presentes. Cerca de 800 tipos, pertencentes principalmente às espécies de Miridae descritas pelo professor José C. M. Carvalho, falecido em 1994, estavam depositados no Museu Nacional. As coleções de Auchenorrhyncha e Sternorrhyncha eram menores, mas estavam passando por um processo de ampliação, principalmente aquelas do primeiro grupo. A coleção de Cicadellidae contava com vários tipos de espécies descritas. Estavam sendo incorporados à coleção espécimes de Auchenorrhyncha coletados pelo professor Johann Becker, falecido em 2004, em ecossistemas brasileiros que permanecem pouco estudados, como, por exemplo, a Floresta Amazônica.

Cerca de 1.000 exemplares dessa coleção, que tinham sido emprestados para pesquisadores de outras instituições, principalmente brasileiras, para a realização de estudos taxonômicos, filogenéticos ou de outros tipos, escaparam do incêndio. Esses exemplares serão incorporados à futura nova coleção, bem como os espécimes coletados em recentes trabalhos de campo. Esse material já está sendo montado, etiquetado e identificado. Ao todo, estima-se que a coleção de Hemiptera possua, no momento, cerca de 2.000 exemplares.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
HYMENOPTERA

Antes do incêndio, a coleção de Hymenoptera estava conformada por aproximadamente 200.000 exemplares, tanto montados em alfinetes quanto em líquido. Após o incêndio, praticamente todos os exemplares foram perdidos, exceto cerca de 200 exemplares de vespas, abelhas e formigas que estão em empréstimo a pesquisadores de diversas instituições nacionais. Foi recebida uma doação de exemplares em álcool, os quais estão em processo de triagem para posterior identificação e incorporação à nova coleção de Hymenoptera. Por ainda estarem em processo de preparação, não é possível ter uma estimativa quanto ao seu número. Espera-se que ao longo de 2019 esse novo material seja oficialmente incorporado à coleção.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
INSETOS AQUÁTICOS

A coleção de Insetos Aquáticos apresentava, antes do incêndio, uma estimativa de 1.300.000 exemplares. Após o incêndio, todos eles foram perdidos, exceto cerca de 2.600 exemplares que estão em empréstimo a pesquisadores de diversas instituições. Por meio de doações, foram recebidos cerca de 100.000 exemplares. Estima-se que o total da Coleção de Insetos Aquáticos hoje é de 102.600 exemplares.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
LEPIDOPTERA

A coleção de Lepidoptera apresentava, antes do incêndio, uma estimativa de 250.000 exemplares. A ordem Lepidoptera é o grupo que reúne os insetos popularmente conhecidos como mariposas e borboletas. Ela apresenta uma das maiores biodiversidades dentro da classe Insecta. Após o incêndio, todos os exemplares foram perdidos. Em dezembro foi reiniciada, contabilizando um total de 226 exemplares.

Coleções Científicas | ENTOMOLOGIA
ORDENS MENORES

A coleção de insetos de ordens menores ou ordens sem curador especialista na Instituição, antes do incêndio, apresentava uma estimativa de 120.000 exemplares. Entre essas ordens, podemos citar Orthoptera (gafanhoto, grilo, esperança etc.), Mantodea (louva-a-deus), Phasmatodea (bicho-pau), Psocoptera (piolho-de-livro), Dermaptera (tesourinha) etc. Entretanto, todo esse acervo foi perdido no incêndio, com exceção de 265 espécimes que estavam emprestados para estudo a pesquisadores de outras instituições. Em Mantodea, 13 exemplares remanescentes estão emprestados para pesquisadores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em Orthoptera, 314 gafanhotos e esperanças estavam emprestados para uma pesquisadora

da Universidade Estadual do Pará (UEPA) e já retornaram ao Museu Nacional; outros 80 gafanhotos continuam emprestados para um pesquisador da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e 39 para uma pesquisadora do Museo de La Plata, na Argentina. O total de remanescentes da coleção de Orthoptera é de 433 exemplares, dos quais 314 retornaram de empréstimo ao Museu. Após setembro, cerca de 2.000 exemplares preservados em via úmida (etanol) e cerca de 200 preservados em via seca foram incorporados à Coleção de Orthoptera. Uma doação foi recebida com 75 exemplares montados (preservados em via seca).

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

GEOLOGIA ECONÔMICA

A Coleção de Geologia Econômica possui 1.004 amostras tombadas (algumas com mais de um espécime). O acervo de minérios, minerais, rochas e produtos minerais beneficiados foi constituído a partir do século XIX, sendo as doações mais antigas de 1820 (Barão von Eschwege) e 1824 (Sellow). Nos anos 1940, a coleção de Geologia Econômica foi oficialmente formada a partir da reunião de amostras dispersas por outras coleções, recebendo a numeração de tombo atual. Os principais coletores e doadores foram Henri Gorceix, Ney Vidal, Alberto Betim Paes Leme, Ruy de Lima e Silva, Viktor Leinz, Orville Derby, Cândido Simões Ferreira, entre outros. Muitas das amostras foram doadas por empresas de mineração (Cia. Morro Velho, Cia. Minas da Passagem, Cia. Morro da Mina), órgãos governamentais

(DNPM, Serviço Geológico e Mineral do Brasil) e inúmeros doadores individuais. A coleção possui diversas amostras que foram expostas na Exposição do Centenário do Brasil em 1922. Em 2005, quando foram implantados na Reserva Técnica do DGP os armários compactadores de aço, a coleção de Geologia Econômica ficou cerca de dois anos em depósito provisório e, em 2007, foi reorganizada e acondicionada nas prateleiras. A coleção teve sua última entrada em 1959. Os registros da coleção estão dispostos em um antigo livro de tombo, que foi fotografado no início de 2018.

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

METEORÍTICA

A atual curadora recebeu o acervo em 1997 e seguiu procedimentos semelhantes aos de seus antecessores: os professores Walter da Silva Curvello e Wanderley Alves de Andrade.

Existia um livro tombo (perdido no incêndio), fichas antigas, cujas cópias foram escaneadas, e o arquivo salvo do incêndio. Havia também um catálogo digital, cuja mídia era em disquete e um computador obsoleto, PC-500, além de duas cópias impressas, uma em ordem alfabética e outra numérica. Infelizmente, estas foram queimadas no incêndio.

O sistema de numeração da coleção foi realizado da seguinte forma: cada meteorito distinto recebeu um número seguido das letras MT (01-MT, por exemplo). Todos os exemplares

daquele meteorito recebiam o mesmo número de tombo. Em alguns casos, foram adicionadas letras após o número para distinguir as diversas massas (01a-MT, por exemplo).

Em 2000, foi publicado na revista Meteoritics & Planetary Science o catálogo resumido da coleção meteorítica. Pode-se resumir o inventário conforme dados dos arquivos existentes dos seguintes anos:

2000: o número tombo estava em 104-MT;
2014: no catálogo, o número estava em 237-MT;
2015: o número anterior se mantém;
2017: o número estava em 323-MT;
2018: o número estava em 345-MT no livro tombo, mas em 332-MT no catálogo digital.

Em sua maioria, a coleção de meteoritos aumentou devido a permutas entre outros museus e colecionadores cadastrados no International Meteorite Collectors Association (IMCA). Esta última opção era bastante vantajosa, pois os grandes museus, como o Smithsonian Institution, só trocavam uma amostra por outra de mesmo tipo e tamanho. Assim, não havia meios de obter tipos diferentes de meteoritos. Vale destacar que, no passado, muitos meteoritos brasileiros foram doados a estes museus e, assim, diminuíam as possibilidades de troca por novos exemplares.

As permutas se realizam com amostras repetidas ou fatias de um meteorito por outro ou por outro/outros de igual valor. O valor de um meteorito é calculado por uma fórmula. O atual catálogo digital foi realizado no software Microsoft Office Access e Excel. Esperavam-se recursos da Faperj do edital APQ4 de 2015 para comprar armários especiais e o software Filemaker.

Após o incêndio foram recuperadas cerca de 400 amostras, no entanto não são de 400 meteoritos diferentes. Pode-se resumir que foram recuperados 100% dos meteoritos >1kg; 80% > 100g; 60% > 50g, 10% > 2g e nenhum inferior a 2g. Quanto às consequências do incêndio, estima-se um maior tempo para serem avaliadas, de fato.

Alguns meteoritos se alteraram pouco, outros foram bastante danificados. Muitos ainda não foram devidamente identificados pela perda dos lastros.

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

MINERALOGIA

A Coleção de Mineralogia está ligada ao setor de Mineralogia, do Departamento de Geologia e Paleontologia, um dos mais antigos do Museu Nacional. Seu acervo está associado a grandes nomes da mineralogia da Europa e do Brasil, assim como a ilustres personalidades dos tempos coloniais, do Império e da República.

A coleção possui 7650 registros tombados que incluem cerca de 10.000 exemplares, incluindo a coleção Werner (coleção europeia de Karl Eugen Pabst von Ohain organizada sistematicamente por Abraham G. Werner) trazida para o Brasil pela família real em 1808 e posteriormente compondo a primeira coleção científica do Museu Nacional.

Outras coleções relevantes que fazem parte do acervo estão relacionadas às figuras históricas da ciência dos séculos XVIII ao XX e que contribuíram com a história do

Museu Nacional. Entre elas, estão as de Pedro II (amostras coletadas, compradas e/ou recebidas pelo então imperador do Brasil provenientes de diferentes partes do mundo e doadas ao Museu); amostras pertencentes à princesa Leopoldina da Casa de Habsburge, de seu neto príncipe Pedro Augusto de Saxe e amostras coletadas e/ou doadas por grandes cientistas dos séculos XIX e XX, como o Barão von Eschwege (geólogo e metalurgista alemão que viveu no Brasil entre 1808 e 1821), Orville Derby (geólogo e geógrafo americano que fez parte da Comissão Geológica do Império em 1875), Claude-Henry Gorceix (mineralogista francês e fundador da Escola de Minas de Ouro Preto em 1876), Othon Leonardos (engenheiro e geólogo brasileiro que participou da fundação dos cursos de Geologia no Brasil), Marechal Cândido Rondon (sertanista brasileiro que participou de diversas expedições para explorar a região Amazônica), Noronha Santos (historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), ex-presidente Getúlio Vargas (advogado e político brasileiro) e Jacques P. Cassedane (importante mineralogista do século XX e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Parte das amostras do acervo foram ainda adquiridas de renomadas lojas ou pesquisadores estrangeiros entre os séculos XIX e XX, caso das coleções Mallet, Leidy, Adnet e Foote.

Por fim, a coleção comporta ainda espécimes das diversas classes minerais conhecidas e de proveniências distintas, que foram coletadas e/ou adquiridas por pesquisadores internos ou externos ao Museu Nacional.

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

PALEOBOTÂNICA

A Coleção de Paleobotânica é a mais antiga do país e uma das maiores da América Latina. Sua importância histórica remonta ao início da Ciência no Brasil, durante o século XIX. Nessa coleção, está depositado o primeiro fóssil vegetal coletado no país, e identificado como *Psaronius brasiliensis Adolphe Brongniart 1827*, além de fósseis do Carbonífero europeu que foram adquiridos para impulsionar os estudos de carvão mineral em solo brasileiro no século XIX. Na década de 1970, a coleção teve um crescimento extraordinário com as coletas de Elias Dolianiti e José Henrique Millan de fósseis do Carbonífero Brasileiro. Além disso, Diana Mussa, considerada a maior Paleobotânica do Brasil, também foi professora do Museu Nacional até 2006 e colaborou muito com a coleta de madeiras fósseis do Paleozoico brasileiro.

Atualmente, abriga 4.267 exemplares nacionais tombados e 1.616 exemplares estrangeiros, além de 1.250 em análise para tombamento, totalizando 7.133 exemplares de fósseis vegetais.

A maior parte do acervo nacional é composta por fósseis paleozoicos, compressões da flora devoniana do Paraná, flora carbonífera de Santa Catarina e São Paulo, além dos lenhos e caules de pteridófitas do Permiano. Também abriga fósseis mesozoicos da Bacia de Tucano, do Araripe e alguns cenozoicos de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Ilha da Trindade (Espírito do Santo, ES).

A coleção estrangeira é dividida entre acervos provenientes do Carbonífero europeu e norte americano e de fósseis cretácicos da Ilha James Ross, Península Antártica, coletados pelas expedições de pesquisadores do Museu Nacional à Antártica, a partir de 2006/2007. Há também poucos exemplares do Mesozoico europeu e norte americano.

Durante o ano de 2018, estavam em andamento estudos com os fósseis da Ilha da Trindade, da Bacia do Araripe, bem como madeiras quaternárias do Maranhão (MA) e uma composição de uma coleção didática, composta por fósseis sem registro de procedência, e elaboração de material didático para empréstimo às escolas.

Com o incêndio de 2 de setembro, a coleção foi bastante afetada, porém o resgate dos remanescentes desse acervo encerrou-se em 23 de janeiro de 2019 e está em fase de limpeza, catalogação e recuperação de informações. Ainda não é possível estimar quanto foi recuperado.

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

PALEOINVERTEBRADOS

A Coleção de Paleoinvertebrados do DGP é constituída atualmente por um número aproximado de 11.500 registros de fósseis de Porifera, Cnidaria, Mollusca (Bivalvia, Gastropoda e Cephalopoda), Bryozoa, Brachiopoda, Arthropoda (Insecta, Aracnida, Crustacea e Trilobita), Echinodermata e icnofósseis, englobando o registro de três eras geológicas (Paleozoica, Mesozoica e Cenozoica), além de microfósseis. Esse rico acervo começou a ser construído desde a segunda década de fundação do Museu Nacional. No entanto, até a elaboração do atual livro de tombo no final da década de 1940, os exemplares e coleções específicas de paleoinvertebrados ficavam distribuídas em armários separados nas dependências da antiga seção de Geologia ou nas gavetas dos armários que compunham as exposições do Museu Nacional.

A ordenação dos fósseis no livro de tombo foi iniciada com o lançamento dos fósseis estrangeiros da Coleção, obtidos por compra, doações ou permutas no decorrer do século XIX e até a primeira metade do século XX, totalizando 3.060 registros com 10.929 exemplares. Entre as coleções estrangeiras do século XIX que foram incluídas encontram-se: 1) a Coleção Michelotti, recebida em 1836 por doação do paleontólogo italiano Giovanni Michelotti, uma das mais antigas do Museu Nacional e a primeira coleção de fósseis estrangeiros doados à instituição; 2) a coleção de fósseis da Bacia de Paris presenteada a D. Pedro II em 1872 e que pertencia ao acervo particular do imperador conhecido por Museu do Imperador; e 3) a coleção de fósseis do Museum of Comparative Zoology, da Universidade de Harvard, Estados Unidos (EUA), trazida ao Brasil certamente por ocasião da presença dos paleontólogos norte-americanos Charles Frederick Hartt e Orville Adelbert Derby, provavelmente nas duas últimas décadas do século. Do século XX foram incluídas as coleções: 1) de moldes da Ward's Natural Science Establishment; 2) do Royal Ontario Museum, Canadá; 3) da Ciências do Porto, Portugal; 4) da Buffalo Society of Natural Sciences; e 5) da Oklahoma University (doados na década de 1990), as duas últimas instituições dos EUA.

Às coleções citadas anteriormente foram incluídos os fósseis coletados pelos precursores da pesquisa paleontológica institucionalizada no Brasil: os integrantes da Comissão Geológica do Império, extinta em 1877, Charles Frederick Hartt e Orville Adelbert Derby, que foram responsáveis pela Coleção de Paleoinvertebrados nas duas últimas décadas do século XIX. Apesar do significativo número de material coletado pela antiga Comissão citado na literatura geológica, no livro de tombo constavam cerca 1.705 registros com 35.423 exemplares, incluídos no livro ao final da década de 1940 e inventariados em 1999.

A partir desse ponto as coletas de fósseis e registros no livro de tombo da Coleção de Paleoinvertebrados passaram a refletir muito as especialidades de cada docente do atual DGP e de doações feitas por outros pesquisadores e/ou instituições de pesquisa. Durante a segunda metade do século XX, a coleção foi enriquecida com fósseis do Neógeno da Amazônia (Formação Pirabas) e com as coleções de Gehard Beurlen de amonitas do Cretáceo brasileiro. A Coleção

recebeu também, no início dos anos 2000, uma grande coleção de invertebrados paleozoicos coletados por geólogos da PETROBRAS durante a Expedição Orville Derby nas três grandes bacias paleozoicas brasileiras (Amazonas, Parnaíba e Paraná), razão da sua denominação Coleção Orville Derby, realizada entre 1985 e 1987. Recentemente, professores do DGP em expedições à Antártica trouxeram uma grande quantidade de fósseis de invertebrados marinhos inéditos até então na coleção. Finalmente, em 2016 o Museu Nacional recebeu a maior coleção de fósseis já repatriada para o país, denominada Coleção Caster, correspondendo a uma tonelada de fósseis e que tinha sido organizada na década de 1940 por esse professor e se encontrava nos Estados Unidos. Atualmente, os dois professores que nela atuam, juntamente com alunos de pós-graduação, têm enriquecido seu conteúdo com coletas no Paleozoico da Bacia do Parnaíba e Paraná direcionadas para estudos tafonômicos e taxonômicos e com a pesquisa histórica da própria coleção.

Todos os dados e informações sobre a coleção encontravam-se no gabinete de pesquisa do Laboratório de Paleoinvertebrados, e a Coleção de Paleoinvertebrados e os antigos fichários datilografados estavam localizados na sala das coleções do DGP. Com o incêndio, todo o material formado pelo livro de tombo físico e fotografado, fichas correspondentes, bem como material informatizado presente nos computadores do laboratório foram destruídos, impossibilitando a obtenção e atualização das informações sobre a Coleção de Paleoinvertebrados.

No entanto, por meio de análises de arquivos e fotos presentes nos computadores pessoais dos curadores, e com base na digitalização realizada para a base Paleo da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), foi possível recuperar que em meados da década de 1990 a coleção tinha 6.874 registros, totalizando 53.117 amostras. Já no ano de 2005, antes da incorporação da coleção da Antártica, a coleção já continha em torno de 8.000 registros, tendo crescido para os seus atuais 11.500 nestes últimos 13 anos. Estimativas conservadoras do número de amostras apontam, portanto, para os 53.117 registros da década de 1990 aliados a pelo menos mais de 4.600 exemplares, que é o número aproximado de registros realizados posteriormente, totalizando em torno de 58.000 amostras fósseis de invertebrados, dos quais mais de 550 fósseis tipos, consistindo na maior coleção do departamento.

A Coleção de Paleovertebrados, a mais antiga do Brasil, abrigava cerca de 12.000 espécimes organizadas em mais de 7.000 números de coleção. Sua principal importância decorre da abrangência geográfica de seus exemplares e por possuir materiais de reconhecido valor histórico, coletados em tempos bastante remotos e alguns relacionados ainda à família imperial (primeiros fósseis da coleção datam de 1826).

A partir de 1994, teve início um processo de organização e informatização da Coleção de Paleovertebrados. Concomitantemente a esse trabalho, elaborou-se um catálogo referente aos vertebrados fósseis, que, através de um minucioso levantamento bibliográfico, resultou na publicação do primeiro catálogo de peças-tipos e figuradas da Coleção de Paleovertebrados em agosto de 1997.

Em 2010, a Coleção havia dobrado de tamanho e passou por um novo processo de reorganização e informatização, gerando um banco de dados mais atualizado. Para tanto, foi criado o Laboratório de Gerenciamento da Coleção de Paleovertebrados, que, além de gerenciar esse processo, também oferecia espaço com bancadas e lupas, onde eram atendidas todas as solicitações de visita à coleção. Nesse laboratório estavam sendo geradas imagens bidimensionais e tridimensionais para serem anexadas aos dados de cada exemplar. Era intenção da equipe de curadoria a disponibilização desse banco de dados virtualmente, de maneira a democratizar o acesso às informações da Coleção.

A Coleção de Paleovertebrados estava abrigada no palácio. O incêndio provocou o

desabamento dos andares superiores sobre a Coleção. Após mais de dois meses de retirada de escombros, os armários onde se encontravam a coleção ficaram acessíveis e se iniciou o processo de resgate do acervo. Esse processo encontra-se ainda em andamento e até o momento foram resgatados cerca de 30% dos exemplares. Após o término do resgate, serão necessários o tratamento das peças e o reconhecimento de seus números de tombo, atividade que se estima que transcorra por alguns anos.

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA
PALINOLOGIA

Como fruto dos trabalhos desenvolvidos no setor de Paleobotânica e Paleopalinologia ao longo dos últimos anos, um importante e distinto acervo paleontológico está depositado no Laboratório de Paleoecologia Vegetal (LAPAV). Nesse acervo, estão depositadas todas as lâminas procedentes de coletas de afloramento e material de subsuperfície (perfurações em sedimentos ou poços profundos). Atualmente, a palinoteca é constituída por aproximadamente 2.007 lâminas, assim categorizada por localidades. Todas as lâminas da Coleção estão depositadas provisoriamente em armários preexistentes à criação do LAPAV. Um laminário mais moderno já consta nos itens prioritários dos próximos projetos. A lista das amostras está digitalizada em planilhas Excel. As lâminas palinológicas são provenientes de quatro polos de interesse maior que estão atualmente sendo desenvolvidos: 1) o Paleozoico — material oriundo de sedimentos do Devoniano da Bacia do Parnaíba e da Bacia do Paraná; 2) Mesozoico — material do Cretáceo da Bacia de Sergipe (Aptiano-Albiano) e do Cretáceo da Sub-bacia de James Ross (Albiano-Campaniano); 3) Cenozoico — material oriundo das bacias de Resende, Volta Redonda, Macacu e Bacia Solimões; 4) Quaternário — material oriundo das bacias de Campos, Santos e da região costeira do estado do Rio de Janeiro e de várias regiões da Bolívia.

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA
PETROGRAFIA

O setor de Petrografia faz parte do mais antigo Departamento de Geologia e Paleontologia do Brasil, com sua história datada de 1842, quando foi criada a 3ª "Secção", denominada Geologia, Mineralogia, Ciências Físicas e Biológicas. Dele faz parte a Coleção de Petrografia, composta por 5.535 registros, além de um acervo de aproximadamente 300 lâminas delgadas.

A importância geológica e histórica do acervo merece destaque. Na Coleção de Petrografia estão depositadas amostras de todo o Brasil e de diversas localidades do exterior, estas adquiridas ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A coleção conta com amostras e lâminas de importantes campanhas de reconhecimento geológico, como a Comissão Geológica do Império e a Comissão Rondon, e com contribuições de Claude-Henry Gorceix, Charles Frederick Hartt, Orville Derby, João Martins da Silva Coutinho, Luis Felipe Gonzaga de Campos, entre tantos outros ilustres naturalistas e geocientistas. Algumas amostras são atribuídas ao acervo particular do Imperador Pedro II, tendo sido doadas por ele após seu exílio.

A Coleção de Petrografia foi organizada nos moldes atuais na década de 40, quando pesquisadores do DGP reuniram todo o acervo petrográfico que formava coleções de referência, projetos e o acervo de pesquisadores do departamento dentro de uma única coleção. Dessa forma, a Coleção de Petrografia é formada por uma série de "minicoleções", com destaque para o Acervo do Imperador, a Coleção Bernard Stürtz-Bonn e as amostras da Comissão Geológica do Império.

As lâminas delgadas representam uma parte importante da Coleção de Petrografia, pois sua história, assim como a da coleção, representa o próprio desenvolvimento das Ciências Geológicas no Brasil. Nesta são encontradas "Coleções de Referência" adquiridas pelo próprio imperador como forma de dar suporte às pesquisas desenvolvidas principalmente durante a Comissão Geológica do Império.

Desde 2012 vem sendo desenvolvido no setor de Petrografia um projeto de informatização da coleção. Foram feitas fotografias de cada um dos exemplares, os livros de tombos foram digitalizados e as fichas de cada amostra e do fichário da coleção também. No período compreendido entre o final de 2017-2018 foram iniciadas a coleta e a digitalização de informações sobre as lâminas delgadas, assim como novas lâminas de exemplares representativos ainda não estudados da Coleção foram confeccionadas.

Para os próximos anos espera-se criar um catálogo com as informações da coleção e disponibilizá-lo em formato digital. Novas lâminas de amostras estão sendo confeccionadas anualmente, assim como novas amostras são recebidas e passam por estudo de triagem para serem inseridas na coleção que está em franca expansão.

Coleções Científicas

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

ROCHAS SEDIMENTARES

A Coleção de Rochas Sedimentares foi criada em meados de 2005, com o intuito inicial de servir para as aulas didáticas de descrição macroscópica de rochas sedimentares do curso de especialização em Geologia do Quaternário do Departamento de Geologia e Paleontologia. A coleção, formada por espécimes de rochas sedimentares com características notáveis (texturais, estruturas sedimentares, mineralogia, fósseis), vem sendo formada através de coletas durante trabalhos de campo do curador e doações de alunos de graduação e pós-graduação, geólogos e outros colaboradores. Posteriormente, foi utilizada para as aulas didáticas das disciplinas Estratigrafia e Sedimentologia (MNA-774), do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (a partir de 2007), e Sedimentografia (MNG-703), do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Geopaleontógico (a partir de 2016), ambos do Museu Nacional/UFRJ. A Coleção é a mais ativa do DGP no que se refere ao uso didático. É composta predominantemente por rochas sedimentares siliciclásticas (arenitos, conglomerados, pelitos) e carbonáticas (calcários, tufas, travertinos, espeleotemas), coletadas em áreas sedimentares do Brasil (bacias do Paraná, Araripe, Sergipe—Alagoas, Recôncavo, São José de Itaboraí etc.) e de outros países (Argentina, Chile, México, Portugal, Escócia). Inclui também diversas amostras de arenitos e conglomerados ferruginizados da Formação Barreiras e outras unidades quaternárias; rochas metassedimentares do Quadrilátero Ferrífero e outras regiões metamórficas, e algumas amostras de rochas sedimentares coletadas por antigos docentes do departamento e que não estavam incorporadas a nenhuma das coleções. A Coleção de Geologia Sedimentar inclui 1001 registros de amostras de sedimento. Estava informatizada em planilha excel e infelizmente os dados inventariados foram perdidos no incêndio. Ainda não se sabe se as amostras resistiram ao incêndio. No primeiro semestre de

2018, com a ajuda de aluno de iniciação científica, a coleção foi integralmente reorganizada e higienizada nas gavetas dos armários de aço, e cada amostra conferida no livro de tombo.

Coleções Científicas | HISTÓRICO ARTÍSTICA

A Coleção Histórico-Artística do Museu Nacional é constituída sobretudo por pinturas em tela, peças de mobiliário e objetos representativos da história da instituição.

As telas da coleção apresentavam pinturas de diferentes níveis de qualidade estética, mas com grande valor documental e iconográfico. Obras de pintores renomados, como Portinari, Décio Villares, Antoine Taunay, Dimitri Ismailovitch, Henrique Bernadelli e Johann Rugendas, entre outros. Além disso, estavam também preservadas pinturas museográficas que registravam parte da história das exposições do Museu Nacional.

Em 2018, a Seção de Museologia (SEMU) deu continuidade ao inventário do acervo de pinturas iniciado em 2015. No começo, deparou-se com a dispersão de telas em diferentes dependências da instituição, sendo iniciada a organização dessas peças em uma coleção.

Esse trabalho realizou a documentação fotográfica das telas, ficha técnica de estado de conservação, higienização superficial para conservação preventiva, acondicionamento das telas, limpeza e reorganização dos espaços de armazenamento e informatização das fichas técnicas. Até setembro de 2018, cerca de 140 telas foram identificadas e inventariadas, entre as quais mais de 100 tinham importante valor artístico, apresentando principalmente personalidades históricas e científicas, temáticas etnológicas e representações da história do palácio do Museu Nacional e da Quinta da Boa Vista.

Entre o acervo histórico, era de grande importância a Coleção do Museu do Primeiro Reinado/ Casa da Marquesa de Santos, da Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), em comodato no Museu Nacional. Essa coleção possuía 63 itens, sendo 54 peças de mobiliário, sete jarros em metal, uma obra em papel e uma pintura sobre tela.

A coleção histórica possuía ainda mobiliários dos séculos XIX e XX, peças pertencentes à família real e imperial do Brasil, além de acervos representativos da história da produção científica e das coleções do Museu, como instrumentos científicos e mobiliário de laboratórios.

Ao longo de 2018, peças dessas coleções puderam ser vistas nas exposições "Móveis da Monarquia", "Expedição Coral — 1865-2018" e na mostra comemorativa dos 200 anos do Museu Nacional, no dia 6 de junho de 2018.

Coleções Científicas | INVERTEBRADOS ARACHNIDA

A Coleção de Arachnida reunia um total de 24.087 lotes tombados e que incluiam uma estimativade 240.000 exemplares além de outros 50.000 exemplares não tombados (*backlog*). Todo esse material foi duramente afetado com o incêndio ocorrido no dia 2 de setembro, com praticamente perda total. Apenas 800 lotes foram salvos uma vez que estavam sob empréstimo.

A Coleção de Cnidaria (águas-vivas, corais, anêmonas, etc...) é composta por 8.652 lotes (que incluem 48.613 exemplares). Além desse material, outros 350 espécimens fazem parte do *backlog*. O acervo não foi afetado pelo incêndio uma vez que o setor está localizado no Horto Botânico.

A Coleção de Crustacea foi iniciada em 1945 pelo professor Alceu Lemos de Castro (1920-1988). Atualmente, conta com aproximadamente 27.500 lotes tombados e que representam cerca de 270.000 espécimes. Além desse material, outros 10.000 lotes (100.000 espécimes) fazem parte do *backlog* e foram perdidos no incêndio. A maior parte da Coleção de Crustacea inclui material da plataforma continental (até 300 metros) de grupos como Decapoda, Amphipoda, Isopoda e Cirripedia das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, sendo que muitos lotes de Cirripedia e Amphipoda são provenientes de outras partes do mundo devido à troca com instituições estrangeiras. A partir de 2000, importante e inédito material de Crustacea de mar profundo (de 200 a 2.200 metros) foi incorporado à Coleção de Crustacea como resultado de diferentes projetos, como: Programa de Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE), Oceano Profundo (OCEANPROF) e HABITATS.

Em 2014 foi iniciada a adesão do Museu Nacional ao Sistema de Informações sobre a Biodiversidade Brasileira (SiB-Br), financiado pelo MCTIC e Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF) e que esbarrou na necessidade de garantir *a priori* as condições para a informatização das coleções biológicas e sua disponibilização para a comunidade acadêmica nacional e a sociedade de forma geral. Assim, houve incentivo para a digitalização dos dados da Coleção de Carcinologia, entre 2014 e 2017, e disponibilização parcial dos mesmos na plataforma SiB-Br. Atualmente, a Coleção de Carcinologia possui 24.016 lotes disponibilizados na plataforma do SiBBr. Em paralelo, iniciou-se a implementação do Programa de Gerenciamento de coleções (Specify) nas coleções zoológicas do MN. Os dados tiveram que ser planilhados de acordo com a estrutura do programa, e no momento 5.000 lotes foram incluídos na base do Specify. Contudo, devido à falta de suporte de tecnologia da informação (TI), o projeto está parado. Em 2018, foram adicionados à coleção 196 lotes através de tombo em planilhas Excel. O setor de Crustacea recebeu cerca de 300 lotes provenientes do projeto "Costões Rochosos" — Ecologia, Impactos e Conservação nas Regiões dos Lagos e Norte Fluminense —, referentes principalmente aos grupos Decapoda e Peracarida, e cerca de 1.000 lotes relativos à ordem Isopoda, proveniente do projeto "AMBES"; destes 155 foram tombados na Coleção. O incêndio não afetou a sala principal da Coleção de Invertebrados, localizada no prédio anexo Alípio Miranda Ribeiro, onde grande parte da Coleção de Carcinologia segue intacta (27.491 lotes).

No entanto, cerca de 10.000 lotes ainda não tombados foram perdidos no incêndio, uma vez que se encontravam no Laboratório de Carcinologia, que foi totalmente destruído. No final do ano de 2018 houve uma limpeza geral das prateleiras e manutenção do álcool da Coleção. Diante da tragédia no Museu, o setor de Carcinologia vem sobrevivendo por meio da união da equipe e está forte para reerguer a estrutura perdida e dar continuidade às importantes atividades de curadoria da Coleção de Crustacea.

O filo Echinodermata é composto por cinco classes atuais (Crinoidea, Asteroidea, Ophiuroidea, Echinoidea e Holothuroidea) que compreendem cerca de 7.000 espécies, exclusivamente marinhas. Esse grupo de animais com aspecto peculiar (corpo estrelado, ou seja, com cinco eixos de simetria) surgiu há mais de 500 milhões de anos (no Cambriano) e já foi mais diverso, com cerca de 35.000 espécies fósseis descritas. Atualmente, as espécies ocupam todos os oceanos e mares, em todas as latitudes (dos trópicos às regiões polares) e profundidades (desde águas rasas às profundas). São geralmente abundantes e exercem papéis fundamentais nas comunidades marinhas, seja como consumidores primários seja como predadores de topo.

O Setor de Echinodermata é um dos poucos laboratórios do país voltados, exclusivamente, para o estudo desse filo. Sua equipe vem realizando estudos relativos ao levantamento faunístico em ambientes costeiros e profundos, taxonomia, reprodução de espécies litorâneas e variações morfológicas e genéticas entre populações. Ultimamente, há o esforço especial para aumentar o conhecimento taxonômico e biológico sobre as espécies incluídas na Lista Oficial de Invertebrados Aquáticos Ameaçados de Extinção e espécies invasoras.

A atividade de curadoria (manutenção e ampliação) da Coleção de Zoológica de Echinodermata também é desenvolvida nesse Laboratório. Iniciada em 1960 pelo professor Ignácio Aureliano Machado Brito, essa coleção conta com mais de 6.000 lotes tombados de espécies de águas brasileiras (costeiras e profundas), do ambiente antártico e de outras partes do mundo. No que se refere à costa brasileira, apresenta uma ampla amostragem da região da Bacia de Campos, incluindo regiões de mar profundo, referentes a material coletado em programas de pesquisa dessa região, como o Programa REVIZEE e HABITATS, este coordenado pela PETROBRAS.

A coleção de Echinodermata contava com 44.150 exemplares (44.000 tombados e 150 *backlog*) reunida em 4.532 lotes (4.482 tombados e 50 *backlog*). Após o incêndio ocorrido em setembro, o acervo perdeu um total de 150 exemplares.

Atualmente, a Coleção de Echinodermata está alojada na Sala de Coleções do Departamento de Invertebrados, situada no prédio anexo ao Palácio de São Cristóvão, e em processo de informatização. Entretanto, após o incêndio, os arquivos digitais atualizados foram perdidos, assim como os documentos de arquivo (fichas de tombo) e alguns lotes que se encontravam em estudo no laboratório de Echinodermata. Neste momento, foram recuperados arquivos digitais com cerca de 80% dos lotes tombados. O atual desafio é atualizar o arquivo digital a partir dos lotes existentes e continuar a ampliação da Coleção.

A Coleção de Mollusca é uma das mais antigas e representativas do Brasil. Inclui o registro de ocorrência de 41.458 lotes que incluem 144.612 exemplares tombados de moluscos marinhos, terrestres e límnicos, oriundos de localidades do Brasil e do exterior. Além do material tombado estima-se que havia outros 40.000 exemplares a serem tombados (*backlog*). Com o incêndio do dia 02 de setembro estima-se que 176.970 exemplares da coleção tenham sido afetados. Por outro lado, os dados da coleção encontram-se 100%

informatizados na plataforma *Specify*, incluindo imagens de grande parte dos exemplares, o que garantiu a salvaguarda dos dados da coleção.

As primeiras referências sobre a coleção indicam que moluscos estavam expostos em vitrines no primeiro prédio do Museu Nacional, no início do século XIX; entretanto, apenas na década de 1940, o primeiro sistema de numeração de registros foi organizado, e somente em 1954 a Coleção passou a contar com um curador especialista em moluscos, o professor Arnaldo Campos dos Santos Coelho (falecido em 2015), que conduziu a reorganização inicial do espaço físico do acervo, o qual passou a crescer continuamente com permutas e coletas que se intensificavam no Brasil. A partir de 2006, a curadoria da Coleção passou para seu curador atual, e a partir de 2018 conta também com a curadoria de um docente recém-contratado.

Até setembro de 2018, a Coleção de Mollusca esteve localizada em uma sala no térreo do Palácio Histórico do Museu Nacional, ocupando 42 armários compactadores deslizantes e um tanque para grandes cefalópodes. A Coleção abrigava importante material histórico, como da Comissão Geológica do Império do Brasil (1875-1878) e da Comissão Rondon (1907-1915) e das expedições pioneiras à Ilha de Trindade, além de material trabalhado por zoólogos eminentes como H. von Ihering.

O incêndio no palácio do Museu Nacional destruiu as instalações da coleção, mas pela ação do técnico Claudio José Fernandes da Costa, com o auxílio de colegas do Museu e do corpo de bombeiros, as gavetas de material-tipo foram salvas. Hoje, esses tipos estão alojados na sala de coleções Paulo Secchin Young, juntamente com os demais lotes da Coleção de Invertebrados.

Durante as ações de resgate do acervo do Palácio Histórico, uma quantidade considerável de lotes está sendo recuperada dos armários incinerados e serão reincorporados, pois muitos possuem etiquetas intactas ou com fragmentos de informações que podem ser recuperadas em consulta à base informatizada da coleção. Alguns exemplares recuperados estão entre os itens expostos em exposição temporária no Centro Cultural Banco do Brasil sobre o trabalho de resgate do Museu Nacional. A Coleção de Mollusca será recomposta e crescerá rapidamente, por meio de coletas da equipe do setor de Malacologia e colaboradores, e também através de doações de instituições parceiras do Museu Nacional/UFRJ.

Coleções Científicas

INVERTEBRADOS
POLYCHAETA

Os anelídeos poliquetas são um dos mais diversos grupos de invertebrados marinhos. Encontram-se distribuídos mundialmente e dominam comunidades macrobentônicas marinhas em termos de riqueza e de abundância. Muitas espécies têm papel-chave nas comunidades, mudando o ambiente, retrabalhando sedimentos ou mesmo participando da estruturação de novos ambientes.

A Coleção de Polychaeta é importante testemunho da diversidade do grupo, já que abriga espécimes da costa brasileira da região entremarés até cerca de 4.000 metros de profundidade, da Antárctica e de outros 19 países (Austrália, Belize, China, Costa Rica, Croácia, Estados Unidos, França, Inglaterra, Israel, Japão, Noruega, Nova Caledônia, Nova Guiné, Panamá, Quênia, República do Palau, São Tomé e Príncipe, Uruguai e Venezuela). Atualmente, a Coleção contém 6.002 lotes (45 holótipos e 144 parátipos), que incluem cerca de 37.000 indivíduos de 40 famílias, das quais 70 incluídas em Polychaeta.

A coleção está localizada na sala de coleções Paulo Secchin Young, do Departamento de Invertebrados, onde ocupa cerca de 10 metros quadrados. Esta divide-se em duas subcoleções, MNRJP e IBUFRJ. A Coleção MNRJP teve início em 1999 no DI, quando a doutora Elianne

Pessoa Omena, especialista no grupo, foi professora visitante no Museu Nacional. No mesmo ano, no Instituto de Biologia da UFRJ, com curadoria do professor Paulo Cesar de Paiva, teve início a Coleção IBUFRJ, nomeada em homenagem ao professor Edmundo Ferraz Nonato, do Instituto Oceanográfico da USP, que deu início aos estudos modernos de poliquetas no Brasil e formou alunos que replicaram e estenderam suas pesquisas sobre poliquetas. Em 2015, a Coleção IBUFRJ (4.121 lotes) foi doada ao DI e transferida do Instituto de Biologia para o Museu Nacional. Novos lotes são adicionados apenas à Coleção MNRJP, que atualmente contém 1.881 lotes.

No ano de 2018, participaram da curadoria da Coleção de Polychaeta uma bolsista do Treinamento e Capacitação Técnica (TCT) da FAPERJ e um técnico de coleções do DI. Ao longo desse ano, realizaram-se as seguintes atividades: 1) inclusão de 389 novos lotes (três holótipos e 16 parátipos) à Coleção, representando 56 espécies e 27 famílias; 2) elaboração e disponibilização online de pranchas com fotos de 5 holótipos; 3) atualização dos dados da coleção no SiB-Br; 4) transformação de itens da planilha de tombamento MNRJP para que os dados sejam exportados para o programa Specify; e 5) realização de cinco empréstimos. Além disso, os espécimes foram mantidos de forma adequada e viabilizou-se o acesso de pesquisadores à coleção.

Coleções Científicas | VERTEBRADOS
HERPETOLOGIA

A Herpetologia abriga quatro distintas coleções: duas de anfíbios (MNRJ e Adolpho Lutz) e duas de répteis (MNRJ e Adolpho Lutz). A Coleção de Anfíbios MNRJ conta com cerca de 93.100 exemplares, enquanto a coleção de répteis tem cerca 27.100 exemplares catalogados. Há em torno de 7.000 exemplares entre anfíbios e répteis a serem incorporados à coleção. Além disso, há cerca de 3.600 e 2.100 tecidos de anfíbios e répteis associados aos exemplares. Também 4.320 e 5.130 fotos de anfíbios e répteis vinculadas aos espécimes. Há ainda uma incipiente coleção de vocalizações de anfíbios com 505 vocalizações registradas. Cento e dez exemplares são assumidos como perdidos no incêndio (principalmente preparações artísticas).

Embora as coleções tenham sofrido seu principal incremento a partir dos anos 80 do século XX, os exemplares de anfíbios do Brasil estudados pelos pioneiros Alípio de Miranda Ribeiro e Adolpho Lutz, além de Bertha Lutz, estão depositados no Museu Nacional, o que aumenta a importância científica e histórica das coleções. Também, parte de aquarelas e slides de Adolpho e Bertha Lutz está na Herpetologia do Museu Nacional.

A Herpetologia abriga uma importante coleção de exemplares-tipo (holótipos, parátipos, sintipos, lectótipos, paralectótipos), isto é, os exemplares utilizados para se descrever pela primeira vez uma espécie. Assim, cerca de 400 e 60 espécies nominais de anfíbios e répteis, respectivamente, estão depositadas nas coleções da Herpetologia.

Diante da relevância de suas coleções o Setor de Herpetologia recebeu 51 pesquisadores de outras instituições de pesquisa e houve 71 remessas (entre empréstimos e devoluções) durante o ano de 2018. Como a maioria das pesquisas realizadas pelos pesquisadores em Herpetologia do Museu Nacional (servidores e estudantes) é taxonômica, também há uma intensa movimentação de exemplares de outras instituições que estão emprestados para a Herpetologia, a saber: 2.300.

Todos os docentes da Herpetologia atuam como curadores e dois biólogos atuam como gerentes de coleções.

A pesquisa ictiológica no Museu remonta ao final do século XIX, quando Alípio de Miranda Ribeiro iniciou sua carreira notória como cientista profissional. Alípio dedicou a maior parte de sua vida ao prédio da coleção no Museu Nacional, até seu falecimento, em 1939. Suas principais contribuições para a Ictiologia brasileira incluíram a publicação monumental intitulada Fauna Brasiliensis e o estabelecimento e organização da Coleção Ictiológica que atualmente possui a sigla MNRJ. A catalogação de material da Coleção de Peixes começou formalmente em 1939, e subsequentemente se tornou informatizada a partir de 1993, através do programa MUSE com acesso em linha desde então, primeiro por meio do projeto "NEODAT" e agora pelo Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. Durante as duas últimas décadas, a Coleção aumentou em cinco vezes e agora ultrapassa 50.000 lotes e cerca de 600.000 espécimes, abrangendo todas as grandes drenagens de água doce do Brasil, bem como águas costeiras, incluindo amostras de águas profundas da plataforma continental, e representantes de todos os continentes. Também inclui espécimes de exposição montados a seco (mais de 600 lotes), materiais esqueléticos, amostras limpas e coradas e mais de 12.000 amostras de tecido para estudos de *deoxyribonucleic acid* (DNA). Até 2018, a Coleção de Espécimes-tipo continha 7.133 exemplares, incluindo 262 tipos primários. A coleção, que fica em uma instalação de 588 metros quadrados, é de responsabilidade de três docentes, assistidos por um tecnólogo e um biólogo em período integral, além de diversos estudantes de graduação e pós-graduação, voluntários e pós-doutorandos. Anualmente, perto de 30 pesquisadores visitam a coleção e são feitos aproximadamente 38 empréstimos interinstitucionais. As instalações associadas incluem equipamento de radiografia digital e um laboratório molecular.

A Coleção de Mamíferos tem suas origens no início do século XIX, mas apenas passou a apresentar relevância na geração de conhecimento em Mastozoologia a partir do início do século XX, com os trabalhos pioneiros de Alípio de Miranda Ribeiro sobre o material da Coleção Rondon. Até então, a coleção consistia fundamentalmente de espécimes montados para exposição, que eram frequentemente substituídos. Apenas após a chegada de João Moojen, em 1939, o acervo científico tomou vulto, com a incorporação de material oriundo de dois grandes inventários ligados a projetos de saúde pública: o Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela e o Serviço Nacional de Peste, nas décadas de 1940 e 1950. Esses inventários foram complementares em termos da representação geográfica e constituem até hoje a base material de uma parte significativa dos estudos em mamíferos brasileiros. Suas coleções, que se caracterizam por grandes séries amostrais de cada localidade, têm tornado possíveis estudos sobre a variação ontogenética, geográfica e taxonômica de primatas, roedores e marsupiais, análises das estruturas de comunidades ao longo de gradientes ambientais e análises das flutuações anuais em roedores e marsupiais e suas possíveis implicações com as oscilações climáticas plurianuais. A essas amostras têm-se somado novas séries, principalmente a partir da década de 1990, resultantes de pesquisas desenvolvidas em diversos biomas do país. Estas compreendem esqueletos completos, espécimes em meio líquido e tecidos para extração de material genético de espécimes cariotipados, tornando possíveis análises morfológicas mais abrangentes e abordagens integrativas em estudos taxonômicos.

A Coleção de Mamíferos totaliza hoje aproximadamente 100.000 exemplares, sendo que no fim de 2018 um total de 84.440 encontrava-se registrado. Além da Coleção principal de mamíferos, a Coleção de Tecidos e Amostras Genéticas abriga aproximadamente 12.000 exemplares.

Em 2018 foram adicionados ao catálogo 400 novos registros representando dez ordens de

mamíferos de nove estados brasileiros. O setor recebeu visitas de 21 professores e alunos de pós-graduação de diversas instituições nacionais, com a finalidade de examinar material da Coleção para o desenvolvimento de teses e dissertações.

A recente destruição do prédio principal do Museu Nacional não atingiu o acervo de pesquisa de mamíferos, que se encontra depositado em um prédio isolado. Já os 500 espécimes da exposição, que incluíam peles e esqueletos montados, alguns de grande valor simbólico por serem reconhecidos há gerações pelo grande público, foram totalmente destruídos.

Coleções Científicas | VERTEBRADOS
ORNITOLOGIA

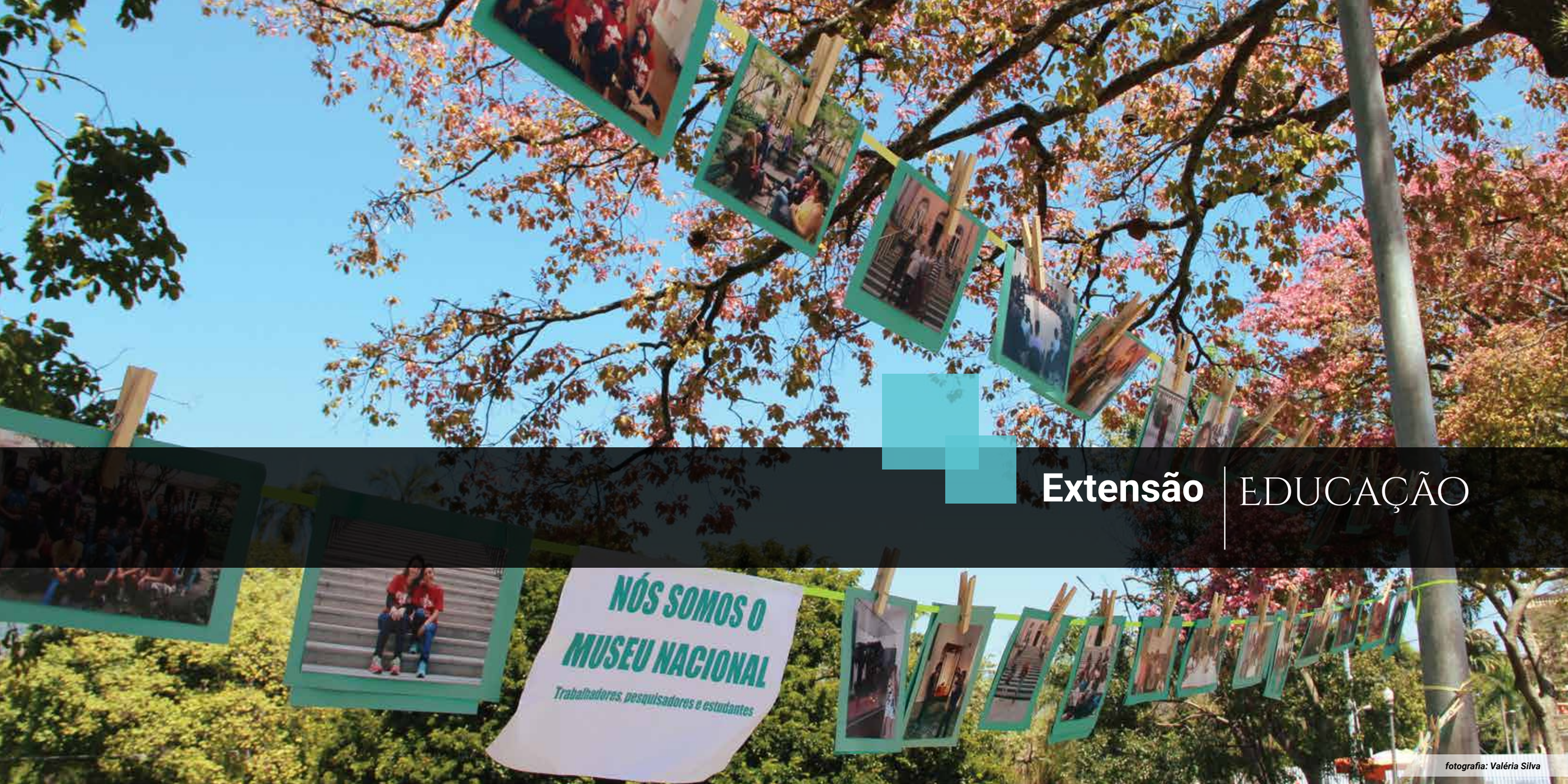
Uma das atividades mais relevantes desempenhadas no setor de Ornitologia é, sem dúvida, a gerência das Coleções Ornitológicas e o atendimento ao público interessado. Hoje, nossa coleção conta com 60.800 espécimes tombados e 5.000 amostras de tecido, entre os quais cerca de 1.000 espécimes foram tombados em 2018. A seguir apresenta-se, sinteticamente, cada uma das principais Coleções de Ornitologia.

Coleção Anatômica: historicamente bastante negligenciadas no Brasil, as coleções anatômicas brasileiras acabaram ficando muito pouco representativas de nossa diversidade de aves. Isso decorre do fato de, em Ornitologia, a grande maioria das descrições de espécies se basear na coloração da plumagem, que pode ser preservada, como veremos adiante (espécimes taxidermizados ou empalhados), sem a conservação de espécimes anatômicos. Nos últimos 15 anos foram incorporados e tombados mais de 20.000 espécimes às coleções anatômicas do Museu Nacional, dentre os quais cerca de 3.000 somente no ano de 2018. A maior parte desses espécimes é decorrente das coletas de campo e parte é recebida de projetos de pesquisadores associados, processos de licenciamento ambiental (como resgates em usinas hidrelétricas) ou espécimes mortos em estradas por colisão com carros. O crescimento dessa coleção possibilitou a formação de mestres e doutores em anatomia e classificação das aves nos últimos anos.

Coleção de Tecidos de Aves: é hoje uma das mais importantes coleções de tecidos de ave da Caatinga e da Amazônia, com 5.000 espécimes coletados com recursos de projetos de pesquisa. Diante do seu progresso, a coleção passou a fazer parte do projeto "Barcode Brasileiro" de levantamento de nossa diversidade biológica através do sistema de código de barras molecular. Cabe ressaltar que a criação de uma coleção de tecidos de aves no Museu Nacional teve já o poder multiplicador de contribuir com estudos de outras instituições, como o Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia (INPA), o Museu Paraense Emílio Goeldi e a USP, assim como de estimular novo enfoque em estudos nos níveis de doutorado e mestrado. Durante o ano de 2018 diversos projetos de mestrado, doutorado e mesmo um pós-doutorado se beneficiaram dos tecidos de aves da coleção.

Coleção de Espécimes Taxidermizados: embora não tenha sido priorizada nos trabalhos de campo, a Coleção de Peles está entre as maiores e mais representativas do Brasil. Hoje, nossa Coleção conta com 52.361 espécimes tombados, entre os quais cerca de 1.000 foram tombados em 2018. Hoje, a coleção está cerca de 80% digitalizada e 70% informatizada, esses 70% disponíveis para a consulta do grande público na página do Global Biodiversity Information Facility. Do início de 2018 até o momento, a base de dados teve 13 citações em artigos científicos. Fazem parte dessa coleção espécimes preparados para fins científicos (estudos morfológicos, taxonômicos e biogeográficos) e expositivos, ou seja, espécimes que servem à consulta do grande público por seu valor artístico-científico. Espécimes estão sendo preparados para ocupar os espaços novos a serem erguidos por ocasião do restauro e reconstrução do Museu Nacional.

Extensão | EDUCAÇÃO



fotografia: Valéria Silva

A Caixa Misteriosa do Museu: projeto voltado para grupos de estudantes de 3 a 8 anos. Objetos selecionados e disponíveis ao toque contribuem para a partilha de experiências e desenvolvimento de conceitos científicos, tendo a narrativa como vínculo afetivo desencadeador de questões. Foram realizadas 12 visitas com sete escolas, quatro particulares e três públicas.

Coleção Didático-Científica para empréstimo: entre 2017 e 2018, mais de 4.714 lotes foram emprestados a professores dos ensinos infantil, fundamental, médio e superior, além de outras instituições (ONGs e museus), atingindo um público superior a 36.000 pessoas.

Eventos de popularização da ciência: foram cinco participações, entre elas: Semana Nacional de Ciência e Tecnologia na Fiocruz (Museu da Vida), no Campo de São Bento (Prefeitura de Niterói) e na Ilha do Fundão (Pró-Reitoria de Extensão, PR-5), além de eventos no Ciência Viva e no Museu da República.

Museu vai à Escola: objetos da Coleção Didático-Científica foram levados pelos educadores a 14 escolas (dez públicas e quatro privadas) para abordagem de temas variados. Para melhor estruturar o projeto, foi realizada uma campanha de financiamento coletivo.

O Museu deu Samba: visitas mediadas especiais com base no samba da Imperatriz Leopoldinense, que tinha como enredo "Uma noite real no Museu Nacional". Nos dias dos ensaios técnicos na Quinta da Boa Vista foram feitas oito visitas com 300 participantes, buscando aproximar a comunidade da Imperatriz ao MN.

O Museu já foi palácio: ciclo de palestras para o público em geral, visa abordar aspectos históricos do Império, partindo do Paço de São Cristóvão e de seus habitantes. A primeira palestra foi proferida por Paulo Rezutti, sobre a Imperatriz Leopoldina, em 7 de setembro, da qual participaram 150 pessoas sorteadas entre as 471 inscritas.

Tem criança no museu — De férias com a ciência: ação anual que busca estimular a criatividade, a curiosidade e a ampliação de conhecimentos de crianças de 5 a 7 anos nas áreas de Astronomia, Botânica, Paleontologia, Zoologia, Arqueologia e Etnologia. Participaram dos cinco encontros, 30 crianças sorteadas entre as mais de 400 inscritas.

O Museu na Quinta — Encontro com a Comunidade: promove aos domingos mostras com objetos de sua Coleção Didático-Científica. Além de promover a educação, busca possibilitar a manutenção dos vínculos estabelecidos há gerações entre o MN e o público que frequenta o parque. Foram 13 encontros com cerca de 4.500 visitantes.

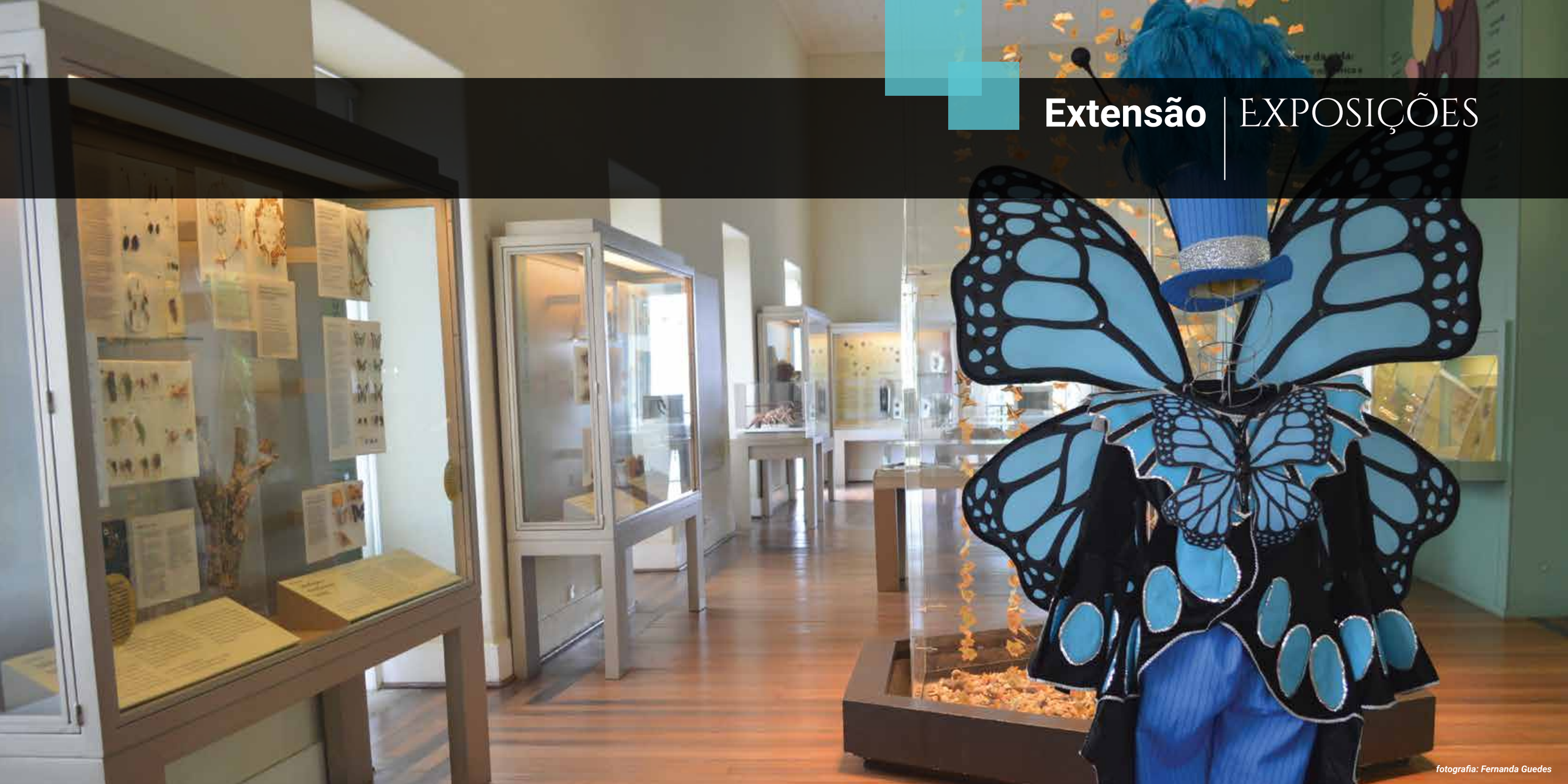
Produção Acadêmica: participação na organização do Encontro Nacional sobre Práticas Educativas em Museus e Centros de Ciência e Tecnologia; do 3º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência e do Museu de Ideias — A Educação em Debate. Levantamento de dados da rodada 2017-2018 do Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia (OMCC&T), realização de palestras, participação em mesas-redondas e apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos.

SAE nas Redes: ações educativas museais em linha vêm sendo desenvolvidas no Instagram e Facebook para fomentar o diálogo, a interatividade e a colaboração acerca dos campos abarcados pelo MN e para estabelecer outros meios de popularização da ciência e alcance de novos públicos.

Visitas educativas com escolas: de março a agosto foram realizadas, pelos mediadores do MN, estudantes do ensino médio do Colégio Pedro II e estagiários do PIC Jr., 68 visitas educativas, com 1.310 estudantes e 165 acompanhantes.

VII Curso de Formação de mediadores do Museu Nacional: voltado para graduandos, professores e guias de turismo. Participaram 50 pessoas, sorteadas entre as 700 inscritas. Foram abordados temas como Educação Museal, Mediação Humana, Acessibilidade Cultural, Estudos de Público e conteúdos específicos das exposições.

Extensão | EXPOSIÇÕES



fotografia: Fernanda Guedes

O Museu dá Samba:
A Imperatriz é o relicário no Bicentenário do Museu Nacional

Curta duração inaugurada em 18 de maio de 2018

Em fevereiro, a **Imperatriz Leopoldinense** levou o Museu Nacional para o desfile das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro, com um enredo sobre os **200 anos da Instituição**. Com essa exposição, o Museu retribuiu a homenagem levando 30 fantasias para o palácio da Quinta da Boa Vista. As que simbolizavam as diferentes áreas do conhecimento desenvolvidas na Instituição — Antropologia, Botânica, Zoologia, Geologia e Paleontologia — foram expostas em suas respectivas salas, construindo um diálogo da cultura popular com a ciência. A abertura, no dia 18 de maio, celebrou o Dia Internacional de Museus, com a presença da bateria da tradicional escola de samba do bairro de Ramos.

Celacanto:
A mais incrível história de pescador

Longa duração, inaugurada em 6 de junho de 2018

A exposição trouxe novamente ao público uma réplica em gesso e em tamanho natural de um Celacanto que está na coleção do Museu de História Natural da França, em Paris. A peça foi comprada por ocasião do aniversário de 150 anos do Museu Nacional e exposta pela primeira vez em 1970. O Celacanto não provoca maremotos, mas fomentou a discussão sobre a evolução dos vertebrados nessa exposição.

Expedição Coral:
1865-2018

Curta duração, inaugurada em 6 de junho de 2018

A exposição convidou os visitantes a explorar a descoberta dos corais e ambientes coralíneos e seu estado de conservação, desde o Brasil imperial até hoje. Apresentou telas interativas e diversos itens, como fósseis, rochas, exemplares da fauna dos recifes de coral do Brasil e instrumentos científicos, incluindo peças coletadas pelas expedições da Comissão Geológica do Império, no século XIX. A mostra se inseriu no calendário de comemorações dos 200 anos de fundação do Museu Nacional e foi apresentada pelo projeto “Coral Vivo”, patrocinado pela PETROBRAS desde 2006.

Mostra 200 anos do Museu Nacional

Curta duração, inaugurada em 6 de junho de 2018

Mostra de exemplares simbólicos do acervo do Museu Nacional, exibidos na cerimônia de aniversário dos 200 anos da Instituição. Incluiu, entre suas peças, os quadros do D. Pedro II e D. João VI; chifres e galhadas de animais; moedas e medalhas comemorativas; o decreto de criação do Museu Real (atual Museu Nacional) e a taça-cofre que representa a Batalha de Constantino, primeira peça do acervo do Museu.

Parque Cretáceo:
Maxakalisaurus Topai

Longa duração
reinaugurada em
19 de julho de 2018

Realizada graças ao sucesso de uma campanha de financiamento coletivo que arrecadou aproximadamente R$ 58 mil em apenas 30 dias. Além dos dinossauros e pterossauros brasileiros, puderam ser vistos fósseis de paleovertebrados relacionados ao período Mesozoico, conhecido como a "Era dos Dinossauros". O modelo do esqueleto do popularmente conhecido como Dinoprata fora desmontado após infestação de cupins em sua base. Em virtude do apoio dos nossos 370 benfeitores, a sala passou por adequações e modernizações, apresentando fósseis inéditos ao público.

Primeiros Brasileiros

Curta duração
reinaugurada em
agosto de 2018,
no Memorial dos Povos Indígenas,
Brasília — DF

A exposição propõe ao visitante um passeio pela história do Brasil, assinalando as diferentes formas pelas quais povos indígenas foram vistos e incorporados ao processo de construção nacional. Para isso a exposição apresenta, por meio de núcleos, o primeiro encontro, o mundo colonial, o mundo indígena e os indígenas no Brasil contemporâneo. Entre os itens expostos, há uma série de imagens de Mantos Tupinambás e um conjunto de praiás (vestimentas rituais) do povo indígena Pankararu, além de maracás, arcos e flechas, cocares, todos de povos indígenas do Nordeste, como os Xucuru, Kiriri, Tupinambá e Fulniô. Os objetos dessa exposição formam uma das únicas coleções de Etnologia Indígena do Museu Nacional não afetadas pelo incêndio de setembro. Recebeu mais de 30.000 visitantes até seu encerramento, em fevereiro de 2019.

fotografia: Seção de Assistência ao Ensino

Extensão | OUTRAS AÇÕES

Em 2018, o Museu Nacional desenvolveu ações de extensão coordenadas por docentes e técnicos-administrativos. Elas envolveram a participação de estudantes de graduação e pós-graduação junto a um público de visitantes nas exposições, estudantes e professores de educação básica e ensino médio e graduação, entre outros, que alcançaram o número de mais de 14.000 pessoas. Além disso, após o mês de setembro foram elaborados sete novos projetos, cursos e eventos de extensão, para início no primeiro semestre de 2019 e com potencial de alcançar mais de 30.000 pessoas.

AÇÕES DE EXTENSÃO EM 2018:

A Ciência Dá Samba / Ações extensionistas do Museu Nacional com a comunidade da Imperatriz Leopoldinense: o Museu Nacional abriu suas portas para receber a comunidade da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, que homenageou os 200 anos do Museu Nacional em seu samba-enredo. Foram feitas palestras, oficinas, visitas guiadas às exposições e aos laboratórios e atividades lúdicas.

Clube jovens cientistas no Museu Nacional (UFRJ)/Ciência na Quinta: projeto em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura do Rio de Janeiro, desenvolvido anualmente com 25 estudantes de escolas públicas municipais. Semanalmente são realizadas atividades como: visitas às exposições e a laboratórios do MN, a outros museus e atividades de campo. Foi um dos vencedores do 9º Prêmio IBERMUSEUS de Educação.

Curso básico de línguas indígenas brasileiras, com especial atenção às línguas da família tupi-guarani: buscou fornecer informações sobre aspectos básicos das línguas indígenas brasileiras, apresentando estruturas gramaticais básicas e a classificação dessas línguas, além da movimentação de seus falantes, discutindo ainda a relação entre língua e cultura.

Curso evolução humana: trabalhou a forma de produção de conhecimento em Evolução Humana, a divulgação de pesquisas e a transformação em descobertas na mídia, os desafios teórico-metodológicos da pesquisa e do ensino de Evolução Humana, debatendo esses desafios na área.

Evolução humana na sala de aula — construindo materiais didáticos para a rede pública de ensino: projeto que buscou estabelecer diálogo com professores que trabalham com o ensino de Evolução Humana (e temas correlatos) na rede pública de ensino básico, entendendo-os como multiplicadores fundamentais a fim de potencializar o diálogo com o público discente e a sociedade.

Curso meninas com ciências: abordou temas da Geologia, Paleontologia e a presença e importância das mulheres na construção da Ciência no Brasil. Foram realizadas oficinas que contaram com atividades lúdicas e educativas voltadas exclusivamente para meninas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental.

fotografia: Acervo Meninas com Ciência

O Museu Nacional na Internet — democratização e globalização do acesso a um dos mais diversificados acervos museológicos mundiais 2018: possibilitou a criação de espaços de socialização democrática de arte, ciência e cultura através do uso de novas tecnologias de comunicação.

O potencial pedagógico da coleção didática da Seção de Assistência ao Ensino do museu nacional sob a perspectiva da interação dialógica entre museu e sociedade: ações vinculadas ao apoio pedagógico a professores, educadores da educação básica, de instituições públicas e privadas a partir de material didático disponibilizado a esse público pela Seção de Assistência ao Ensino.

Repórter natureza: objetivou levar estudantes do 7º ano de escolas públicas municipais a fazerem observações naturalísticas e registrarem a natureza por meio de fotografias, orientando-os a fazer uma pesquisa sobre o assunto observado, debater aquilo que foi pesquisado, publicando em um blog.

Roda de conversa — os povos do campo, da floresta e das águas, a reforma agrária e a ofensiva ruralista: realizada durante a V Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária na UFRJ, buscou sensibilizar a comunidade acadêmica e ampliar o debate sobre a luta pela terra e questões que envolvem os povos do campo, da floresta e das águas.

Vertebrados — biodiversidade e evolução: projeto desenvolvido em paralelo à readequação da exposição pública de exemplares de vertebrados do ponto de vista da conservação desses espécimes, sua reidentificação e adequação museográfica, envolvendo questões sobre conservação, evolução e biodiversidade da fauna de vertebrados.

Visitando o Museu Nacional — Potencialidades para além das exposições: ocorreu em outubro de 2018, durante a Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, propiciando a visita a espaços do Museu Nacional que não são comumente acessados pelo público em geral e apresentando os bastidores de diferentes setores, laboratórios e outros locais no Horto Botânico.

I Festival Museu Nacional Vive: a população teve acesso à parte do acervo que não foi atingida pelo incêndio, pois são coleções que se encontravam em outros prédios da Instituição, bem como participou de diversas atividades promovidas pela comunidade acadêmica, no contexto da 2ª Primavera de Museus.

AÇÕES APROVADAS PARA INÍCIO EM 2019:

- Ciência, história e cultura: o Museu na Quinta da Boa Vista — Curso Jovem Naturalista
- Invertebrados nas escolas, na internet e no Museu Nacional — Mangueira 90 anos: registrando e materializando memórias — Museu Nacional Vive
- Plurilinguismo, política linguística e política de línguas: perspectivas sobre o ensino de línguas em território brasileiro
- Renascer das cinzas: memórias, histórias e trajetórias do Museu Nacional/UFRJ

fotografia: Valéria Silva

fotografia: Marcia Valéria

Conservação e Restauração

LABORATÓRIO CENTRAL DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO - LCCR

As atividades relacionadas à salvaguarda do acervo do Museu Nacional, desde antes de sua incorporação, em 1946, ao quadro da Universidade, estiveram a cargo/foram norteadas por políticas internas de cada departamento de pesquisa alocado na Instituição. Diante do número expressivo de objetos que compunha o acervo do Museu Nacional e pela premente necessidade de sua preservação, foi criado o **Laboratório Central de Conservação e Restauração (LCCR)** no ano 2010.

A implantação do laboratório como um espaço adequado, dispondo de um corpo técnico especializado, busca — levando-se em consideração que parte do acervo não foi atingido pelo incêndio e os itens remanescentes — amenizar as dificuldades impostas pelo número expressivo de objetos anteriormente acolhidos no interior de um edifício adaptado, contudo, ainda longe do ideal utópico, em recursos financeiros e humanos necessários. Temos por missão atuar em prol da preservação dos acervos culturais e científicos de forma preventiva e/ou curativa. Como principais atribuições do conservador/restaurador listam-se: planejar, organizar, administrar, dirigir, supervisionar e realizar atividades de Conservação e/ou Restauração de bens móveis e integrados; manter e gerenciar acervos e o patrimônio visando garantir a não degradação ou desaparecimento deles; compreender o aspecto material dos objetos (aspectos históricos, culturais, artísticos, filosóficos); elaborar e fornecer laudos técnicos para instituições e empresas seguradoras; prestar assessorias técnicas ou consultorias; acompanhar montagem de exposições, transporte e guarda dos bens culturais; implementar ações, estudos e pesquisas voltadas para a área de Preservação; estimular e promover a interdisciplinaridade da área com outros campos; orientar, supervisionar e executar programas de treinamento, aperfeiçoamento e especialização na área.

Cientes de todas as questões, situações e condições pertinentes à preservação dos acervos e das coleções museológicas, do pouco investimento nessas instituições, da carência de recursos financeiros, tecnológicos, humanos etc., temos sim missões a cumprir: promover

o acesso ao passado, estender a materialidade ao futuro, sensibilizar jovens, conscientizar profissionais e cidadãos com o objetivo de mudar a mentalidade arraigada em museus científicos como o Museu Nacional, onde muitos ainda continuam entendendo seus instrumentos de trabalho unicamente como elementos ou ferramentas de estudos. Itens/peças pertencentes às coleções em museus científicos precisam ser também reconhecidos como bens culturais, objetos museológicos, fontes, documentos, símbolos de memória, portadores de história, de contextos, pertencimentos. Não se trata necessariamente de um desafio, mas de uma provocação a ser instituída. Internamente, um dos maiores desafios que precisamos vencer refere-se à institucionalização de procedimentos, práticas, normativas e protocolos que visem à proteção desses objetos de forma única, independentemente do local nos quais estão custodiados.

A equipe é composta por dois restauradores, três técnicos em restauração e dois encadernadores. Em 2018, 1.053 peças passaram pelos processos de conservação e restauração. Foram elaborados cinco projetos, uma publicação e uma exposição. Foram realizados dois eventos e 13 treinamentos. A equipe recebeu a visita de 73 pessoas, participou de 13 eventos acadêmicos/científicos e do grupo de resgate, coletando 509 remanescentes.

Recebeu menção honrosa pelo trabalho Fósseis do Passado, Livro do Presente: Tratamento do Livro de Registro da Coleção Paleontológica de Vertebrados do Museu Nacional na 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ.

Conservação e Restauro

NÚCLEO DE RESGATE DE ACERVOS DO MUSEU NACIONAL

fotografia: Marcos Gusmão

Logo após o incêndio da sede do Museu Nacional, foi constituído o **Núcleo de Resgate de Acervos do Museu Nacional**, grupo composto de servidores diversos, em sua maioria associados à curadoria dos diferentes acervos da Instituição. Tal núcleo contou com o apoio de instituições nacionais e internacionais (IPHAN, IBRAM, ICOM, UNESCO, ICCROM) na discussão e organização dos procedimentos gerais do resgate e no acompanhamento da elaboração do protocolo preliminares.

As **atividades de resgate** se iniciaram oficialmente no dia **24 de setembro de 2018**, com a participação da Coordenadoria do Núcleo de Resgate na reunião de Partida de Obra, realizada com representantes da Concrejato (empresa contratada para estabilização do prédio, remoção de entulhos, instalação de sobrecobertura e apoio às atividades do resgate), do Escritório Técnico da UFRJ, do MN e do IPHAN.

Durante essa etapa de acompanhamento das atividades da empresa contratada, as ações de resgate privilegiaram o monitoramento das áreas sob intervenção da Polícia Federal e as demandas de segurança da edificação, fundamentais para garantir a vida e a correta recuperação dos acervos remanescentes. Esse momento, que antecede às atividades sistemáticas de escavação, foi denominado genericamente "etapa de escoramento". À medida que a edificação foi se tornando cada vez mais segura, foi possível aprimorar o planejamento e monitorar as condições de preservação dos acervos visíveis. Dessa forma, desenvolveram-se estratégias para otimizar a recuperação dos acervos.

Desde o início da etapa de escoramento, o núcleo de resgate foi acrescido de outros servidores, com dedicação parcial variada, e dois colaboradores externos na área de conservação. Todo esse conjunto era a "equipe de resgate". Até o final de 2018, cerca de 1.000 registros foram recuperados, sendo que 80% constituem-se em peças do acervo. Pelo fato de várias peças estarem sendo registradas em lotes, o número real de objetos recuperados ainda não pode ser estimado. Esse dado será avaliado na etapa de inventário. Cerâmicas, metais metálicos, rochas, minerais e fósseis estão entre as matérias-primas mais bem preservadas. Remanescentes ósseos e conchíferos estão também entre os elementos recuperados, porém em estados variados de conservação.

fotografia: Diogo Vasconcellos / Coordcom UFRJ

fotografia: Instituto J. Safra

Unidades de Informação

BIBLIOTECA CENTRAL

A Biblioteca Central é um dos órgãos complementares da estrutura técnica do Museu Nacional, constituída pelas seções de Atendimento ao Usuário, Formação do Acervo e Tratamento Técnico. Tem a missão de assegurar o acesso à informação para a produção de conhecimento nas áreas de Ciências Naturais e Antropológicas, apoiando as atividades de ensino, pesquisa e extensão e assumindo a responsabilidade de salvaguarda do patrimônio científico e cultural sob sua custódia. Situada no Horto Botânico desde 1989, em prédio com área total de 4.000 metros quadrados, construído para abrigar a biblioteca, cedeu aproximadamente 536,92 metros quadrados (inclusive a Sala de Leitura) para diferentes departamentos e seções administrativas após o incêndio no Palácio.

Foram emprestadas, e lamentavelmente perdidas no sinistro, quatro obras raras da exposição "Expedição Coral: 1865-2018", a saber: Thayer expedition, de Charles Hartt (1870); Corals and coral islands, de James Dana (1872); A journey in Brazil, de Agassiz (1868), e o volume 1, de 1866-1871, do Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences.

O corpo social é formado por catorze servidores públicos, seis pertencentes ao quadro de pessoal do Museu e oito do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI). Os servidores ocupam cargos de bibliotecário-documentalista (9), assistente em administração (2), auxiliar em administração (2) e técnico em secretariado (2). O Programa de Iniciação Científica Júnior (PIC Jr.), convênio institucional com o Colégio Pedro II, viabilizou a participação de quatro estagiários de ensino médio no projeto "Circulação Automatizada na Biblioteca do Museu Nacional".

A biblioteca preparou para o bicentenário da Instituição um quiz interativo, isto é, um jogo de perguntas e respostas baseado nas publicações da Série Livros, editada pela Comissão de Publicações. Houve ainda a produção de um vídeo do tipo "Você sabia?" e a distribuição de livros e marcadores de páginas. Organizou o II Seminário Especial, intitulado "Lugar de Memória: o Acervo da Biblioteca do Museu Nacional como Patrimônio Cultural", com conferências de professores/pesquisadores do Museu Nacional, do curso de Biblioteconomia e

Gestão de Unidades de Informação da UFRJ e da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO.

Considerada de grande porte, acumulou aproximadamente 48.982 títulos e 461.421 volumes em 2018, apresentando um crescimento do acervo de 1.867 volumes em relação ao ano anterior. O crescimento em volumes se deve às doações espontâneas e ao programa de intercâmbio de publicações em funcionamento desde 1876.

A falta de contador de fluxo, que parou repentinamente de funcionar, conduzindo ao retorno da contagem manual de pessoas, acrescida da completa interrupção dos serviços de atendimento ao usuário em setembro, quando foram privilegiadas as atividades relativas à reorganização do espaço e ao inventário do acervo, impactaram diretamente nos indicadores da Biblioteca Central. Por conseguinte, o fluxo de usuários foi de 590 pessoas ao ano, bastante inferior quando comparado a 2017, com 3.409 pessoas. Recebeu 123 inscrições de usuários, correspondentes a alunos de pós-graduação (82), técnicos-administrativos (15), estagiários (9), alunos de graduação (8), professores (6) e de outros tipos (3).

A circulação do acervo teve 1.289 consultas e 303 empréstimos. Destaque para a consulta às obras raras, 852 volumes, que subsidiaram a pesquisa bibliográfica para a organização da exposição "Fez-se uma Galeria com Excelentes Pinturas", do Museu Nacional de Belas Artes. O site e a biblioteca digital de obras raras e antigas receberam, respectivamente, 28.681 e 34.925 visitas. Sobre as cooperações técnicas, mantêm-se vigentes os convênios com a Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte (REDARTE) e o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR). Por fim, a segurança de acervos foi tema amplamente apresentado e discutido pela Biblioteca Central no I Encontro de Segurança de Acervos Culturais da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no IX Seminário Memória, Documentação e Pesquisa: Políticas de Preservação, Disseminação, Processamento Técnico e Segurança de Acervos Raros nas Instituições Públicas do SiBI e no XIII Encontro Nacional de Acervos Raros da Biblioteca Nacional.

A **Biblioteca Francisca Keller (BFK)**, formada a partir de 1968, é parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Completando 50 anos em 2018, era considerada uma das mais importantes bibliotecas de Ciências Sociais do Brasil, abrigava um inestimável acervo de literatura antropológica, contando com cerca de 37.000 volumes, entre obras de referência, livros, periódicos, teses, dissertações, anais de congressos, folhetos e materiais especiais. Oferecia os serviços de consulta, empréstimo, empréstimo entre bibliotecas, comutação nacional, treinamentos diversos, orientação de busca bibliográfica e normalização, entre outros.

No incêndio, foram perdidos aproximadamente 22.000 livros, cerca de 14.000 fascículos de periódicos, 1.531 teses e dissertações (TDs), 108 CDs, 127 DVDs, entre outros materiais especiais. Ficaram resguardados do incêndio, por encontrarem-se emprestados a usuários cadastrados, 290 livros, 8 teses e dissertações e 12 fascículos de periódicos. Além disso, foram resguardadas as versões digitais de parte da Coleção de Teses e Dissertações.

Em 2018, encontravam-se ativos 155 usuários: 115 alunos (do PPGAS, de outras pós-graduações da UFRJ e de graduação de outras unidades da UFRJ), 16 professores, 11 funcionários e 9 pesquisadores e estagiários.

Até 31 de agosto de 2018, a BFK realizou 2.100 empréstimos domiciliares a usuários cadastrados. Desse total, foram 2.032 empréstimos de livros, 14 de folhetos, 27 de periódicos e 27 de teses e dissertações. As consultas locais, ou seja, no âmbito da biblioteca, totalizaram 288, dividindo-se em 266 consultas a livros, 5 a folhetos, 3 a periódicos e 14 a teses e dissertações. Tais serviços, assim como os demais, foram interrompidos a partir de setembro.

Ao longo de 2018, demos continuidade à execução do Projeto de Digitalização das Teses e Dissertações antigas do PPGAS. Iniciado em outubro de 2016, ele tinha o objetivo de preservar e disponibilizar em acesso aberto toda a produção acadêmica do programa, desde a sua criação.

Do conjunto de TDs anteriores a 2006, as quais só estavam disponíveis em papel até então, disponibilizamos aproximadamente 115 dissertações e 67 teses na Base Minerva. Esse projeto, interrompido pelo incêndio e pela destruição física da Coleção, garantiu a preservação de parte de nossa Coleção de Teses e Dissertações. Parte da Coleção de TDs também está preservada na Central de Memória Acadêmica (CMA) da UFRJ, que constitui o depósito legal da produção de teses e dissertações da UFRJ.

Imediatamente após o incêndio, a BFK iniciou os esforços para sua reconstrução. Foi formada uma comissão para esse fim, composta por professores do PPGAS, pela bibliotecária responsável e equipe da biblioteca. No dia 13 de setembro, foi lançada a campanha de doações BFK+50, que conta com website no qual os doadores podem propor doações de livros ou recursos financeiros. No mesmo site, também divulgamos os nomes dos doadores que já se comprometeram a doar e outras informações. Até dezembro, já havíamos conseguido inúmeras doações de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, de editoras e instituições nacionais e internacionais. Desde então, a equipe da BFK está voltada a gerenciar essas doações e ofertas, bem como as questões relativas ao espaço onde a biblioteca funcionará, no prédio da Biblioteca Central.

Nesse aspecto, cabe mencionar, como nota otimista, a enorme mobilização nacional e internacional pela reconstrução da BFK, reflexo do prestígio do PPGAS e de sua antiga biblioteca. Em poucos meses já se assegurou uma quantidade de livros equivalente à existente antes do incêndio, com contribuições de editoras, pesquisadores e seus familiares, associações científicas, bibliotecas, empresas e público em geral. No momento, o nosso problema é logístico e de infraestrutura para viabilizar o reinício das atividades da biblioteca. Estamos contando com a inestimável contribuição da professora Marina Correia, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da UFRJ, e seus alunos, que estão elaborando voluntariamente um projeto visando ao recomeço da biblioteca — certamente será o foco aglutinador para a reconstrução do PPGAS no pós-desastre.

Unidades de Informação

SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO

fotografia: Instituto J. Safra

A **Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR)**, anteriormente denominada Arquivo Histórico, mantém a custódia da documentação histórica (permanente) do Museu Nacional. Tem como principais missões: recuperar e divulgar as informações contidas na documentação arquivística; garantir a integridade física desses materiais; e subsidiar pesquisas sobre a história da Instituição, do Palácio Imperial e das ciências no Brasil.

Antes do incêndio, o acervo era constituído por aproximadamente 3,5 milhões de itens, compreendendo 500 metros lineares de documentos textuais, com cerca de 20.000 peças iconográficas distribuídas em 57 fundos arquivísticos, e também 416 itens, entre mapas, quadros, desenhos e gravuras, 822 publicações (livros, teses e dissertações) e 70 objetos tridimensionais.

O acervo remanescente é formado por documentos fotográficos e fitas magnéticas de vídeo que registram as atividades da instituição e seus projetos, acrescido de negativos, cópias-contato, diapositivos e fotografias, e um conjunto mais recente de registros em vídeo; equipamentos cinematográficos e de laboratório fotográfico da segunda metade do século XIX até o início do século XX, que testemunham o investimento realizado pelo Museu Nacional para qualificar-se tecnicamente no campo da imagem.

A equipe é composta por cinco servidores públicos e conta com a consultoria técnica de uma professora do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os servidores ocupam os cargos de bibliotecário-documentalista (1), arquivista (1), historiador (1) e apoio administrativo (2).

Entre os serviços realizados em 2018, destacam-se o atendimento a cerca de 50 pesquisadores, presencialmente e a distância; a organização do arquivo pessoal de Giralda Seyferth; a conclusão da descrição preliminar do fundo Heloisa Fénelon; e a visita técnica

para a incorporação dos acervos de Arnaldo Coelho e Janira Costa, diretores falecidos.

Participa do PIC Jr. e do Programa Jovens Talentos para a Ciência (JT), mantido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ). Sob a orientação da equipe, os bolsistas dos projetos PIC Jr. e JT apresentaram trabalhos acadêmicos na 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ e na XIX Jornada Científica do projeto Jovens Talentos para a Ciência, respectivamente, "Giralda Seyferth, antropóloga da imigração: organização do arquivo pessoal" e "Bertha Lutz e sua atuação na Conferência de São Francisco em 1945: inclusão da igualdade de gêneros na Carta da ONU" — recebeu menção honrosa, ocupando a terceira posição na área de Ciências Humanas.

Como estímulo ao aperfeiçoamento profissional, os funcionários participaram de diferentes cursos e eventos: 1º Curso de Prevenção e Combate a Incêndios: Palestra e Práticas de Prevenção e Combate a Incêndios; I Congresso Internacional em Humanidades Digitais; Seminário Interno do Museu Nacional e 9ª Conferência Luso-Brasileira sobre Acesso Aberto, realizada no Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Nas comemorações do bicentenário, organizou-se a atividade Semeando a História da Ciência no Museu Nacional da UFRJ, expondo o fac-símile do decreto de criação do Museu, obras pertencentes a fundos e fotos de visitantes ilustres à instituição, *banners,* além da projeção de vídeos sobre cientistas do Museu e da organização da oficina Visitantes Ilustres para Crianças.

Após o incêndio foi constituído o Grupo de Resgate da Memória do Museu Nacional, no qual a SEMEAR é um dos integrantes.

O Fundo Bertha Lutz recebeu a premiação do Programa Memória do Mundo, outorgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sendo-lhe conferido o título de "Registro Nacional do Brasil de Patrimônio Documental Perdido ou Desaparecido".

O Grupo de Reconfiguração do Arquivo Histórico (RAH) do Museu Nacional foi constituído e dele fazem parte: o Arquivo Nacional (AN), a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), o Sistema de Arquivos (SIARQ), o Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE) — esses dois últimos da UFRJ — e, posteriormente, o Instituto Moreira Salles (IMS), realizando a reconfiguração de parte do acervo arquivístico a partir de cópias eletrônicas fornecidas por pesquisadores, a elaboração de projeto junto ao BNDES e a reconstrução do acervo fotográfico do Museu Nacional.

Amigos
d'O Museu Nacional

fotografia: Acervo Coordcom UFRJ

Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN), fundada em 13 de janeiro de 1937 como Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, constitui-se em associação civil de caráter científico, cultural, assistencial e filantrópico, sem fins lucrativos. Sua diretoria é composta por docentes e técnicos-administrativos do Museu Nacional, tendo sido eleitos para o biênio 2018-2019: Vera Lúcia de Moraes Huszar, presidente; Luiz Fernando Dias Duarte, vice-presidente; Andrea F. Costa, 1ª secretária; Débora de Oliveira Pires, 2ª secretária; Eduardo Martins de Barros, 1º tesoureiro; e Clovis Barreira e Castro, 2º tesoureiro. Atualmente o escritório da SAMN é composto por oito funcionários. A Associação conta, ainda, com assessoria jurídica e contábil permanente e com uma assessoria para a sua direção.

De acordo com seu Estatuto, a SAMN tem como objetivo precípuo apoiar as atividades do Museu Nacional, promovendo ou participando de ações para o desenvolvimento da sociedade brasileira, atuando em temas relacionados à conservação do meio ambiente, à cultura, aos povos indígenas, às comunidades tradicionais, ao patrimônio nacional científico, histórico, artístico e cultural, à memória nacional e à educação ambiental, museal e patrimonial. Além de ser reconhecida pela Universidade como legítima e pronta para produzir os efeitos decorrentes das ações previstas em seu Estatuto Social, é entidade de utilidade pública sem fins lucrativos do estado do Rio de Janeiro e integra a Federação de Amigos de Museus do Brasil (FEAMBRA) e o Cadastro Nacional de Entidades Ambientalistas (CNEA) do Ministério do Meio Ambiente.

A SAMN é uma das proprietárias de uma área de proteção ambiental de um remanescente de Mata Atlântica de 440 hectares no estado do Espírito Santo — Estação Biológica de Santa Lúcia (EBSL). Junto com a UFRJ e o Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA), formam o Conselho Gestor da área. Em 2018, financiou a reforma e construção de pequenas pontes e passagens nas trilhas, facilitando seu uso para pesquisadores e alunos, bem como instalou placas de sinalização, educativas e de propriedade. Iniciou, ainda, o processo de regularização de sua questão fundiária junto a diversos órgãos e a atualização de sua razão social em cartório da comarca da região.

A SAMN realiza a gestão de projetos no âmbito dos objetivos de seu Estatuto, atuando junto a diversos órgãos financiadores, como, por exemplo, a Fundação Boticário, Japan Foundation, Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, entre outros. Em 2018, atuou em 14 projetos e ações, dois dos quais se encerraram no período e um se encontra em readequação. Três iniciativas voltadas para a realização de exposições, de projetos e cursos de extensão foram viabilizadas por meio de campanhas de financiamento coletivo. Destaca-se, ainda, em 2018, a assinatura do Contrato de Concessão de Colaboração Financeira Não Reembolsável entre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a SAMN, com a interveniência da UFRJ, que abrange ações de restauração do patrimônio do Museu Nacional, ampliação de suas exposições e melhoria de sua sustentabilidade financeira. Visando apoiar o MN nas ações emergenciais após o incêndio, a SAMN abriu uma conta bancária e uma outra do tipo *Paypal* para receber doações. Ainda no mesmo ano, apoiou o Museu com recursos próprios e colaborou para a captação, tanto por meio de emendas parlamentares quanto pela inclusão de projetos do Museu Nacional em editais para financiamentos etc.

Projetos e Ações

Exposição Mineralogia:
Geologia Econômica

Fonte de financiamento: Vale, no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Cultura/ Ministério da Cultura (PRONAC/MINC) — EM READEQUAÇÃO.

Exposição de longa duração apresentando o acervo histórico de mineralogia do Museu Nacional. Coordenador: Alexander Kellner, Departamento de Geologia e Paleontologia.

Contrato entre o
Instituto Meros do Brasil (IMB) e a SAMN

Fonte de financiamento: PETROBRAS — EM ANDAMENTO.

Realização da gestão administrativa e financeira do projeto "Meros do Brasil". Coordenador: Maíra Borgoni, IMB.

Contrato de concessão
de colaboração financeira não reembolsável entre BNDES e SAMN

Fonte de financiamento: BNDES. Período: junho de 2018 a junho de 2022 — EM ANDAMENTO.

Realização do Projeto Cultural 3ª Fase do Programa de Revitalização do Museu Nacional — Plano 200 Anos do Museu, tendo como interveniente a UFRJ, no âmbito do PRONAC/MINC, e que abrange ações de restauração de seu patrimônio, ampliação de suas exposições e melhoria de sua sustentabilidade financeira. Coordenador: Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional.

No mundo do *Maxakalisaurus*

Fonte de financiamento: coletivo, Plataforma Benfeitoria — ENCERRADO.

Obtenção de financiamento coletivo para renovar a exposição permanente *Maxakalisaurus*, devido ao ataque de cupins, e assim reabrir a sala de exposição para os visitantes. Coordenador: Alexander Kellner, Departamento de Geologia e Paleontologia.

Meninas com Ciência,
Geologia, Paleontologia e gênero no Museu Nacional - 3ª Edição (2018)

Fontes de financiamento: coletivo recorrente, Plataforma Benfeitoria — EM ANDAMENTO; Shell Brasil Petróleo Ltda. — ENCERRADO.

Fruto da parceria de mulheres cientistas, técnicas e alunas do DGP, visou discutir com 100 meninas de escolas públicas e privadas, a cada ano, o papel das mulheres na Ciência, incentivar a curiosidade sobre o tema e estimular o pensamento científico. Coordenadora: Luciana Witowsky, Departamento de Geologia e Paleontologia.

Aquisição de livros de estudos japoneses
(Antropologia, Arqueologia, História e afins) para a Biblioteca do Museu Nacional

Fonte de financiamento: Japan Foundation — EM ANDAMENTO.

Promoção do estudo da coleção japonesa do setor de Etnologia e da pesquisa em estudos japoneses no Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Estudos Japoneses do Museu Nacional. Coordenadores: Wagner W. Martins e Silvia Reis.

Museu Nacional Vive
nas Escolas

Fonte de financiamento: coletivo, Plataforma Benfeitoria — EM ANDAMENTO.

Financiamento coletivo com o objetivo de retomar as atividades do Museu Nacional com escolas, especialmente de ensino fundamental e médio. Coordenadora: Sheila Nicolas Villas Bôas, Seção de Assistência ao Ensino.

Ações da SAMN | *EM ANDAMENTO.*

Criação da conta SOS Museu Nacional, em 5 de setembro de 2018, para recebimento de doações nacionais e internacionais, como apoio emergencial ao Museu após o incêndio
Criação da conta Paypal, em outubro de 2018, para recebimento de doações nacionais e internacionais, como apoio emergencial ao Museu Nacional após o incêndio

Ajuda Emergencial para o Museu Nacional: | *EM ANDAMENTO.*
Salvamento e primeiros cuidados

Aquisição de materiais e equipamentos para as atividades da equipe de resgate do acervo que tenha permanecido, ainda que alterado ou com menores danos, após o incêndio. Fonte de financiamento: doação da República Federal da Alemanha. Coordenador: Ronaldo Fernandes, Departamento de Vertebrados.

Enfoque Ecotrófico e Socioeconômico | *Fonte de financiamento: Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO) — EM ANDAMENTO.*
como Ferramenta para subsidiar ações de manejo dos recursos pesqueiros

Geração de informações ecológicas, sociais e econômicas sobre a pesca marinha no estado do Rio de Janeiro para subsidiar ações de manejo sustentável dos recursos pesqueiros, utilizando-se uma abordagem interdisciplinar. Coordenador: Marcelo Viana, Departamento de Biologia Marinha do Instituto de Biologia da UFRJ.

Reestruturação do Setor de Etnologia | *Fonte de financiamento: Vale — EM ANDAMENTO*
do Museu Nacional

Reestruturação física e material do setor. Coordenador: João Pacheco de Oliveira Filho, Departamento de Antropologia.

Clube de Jovens Cientistas do Museu Nacional (UFRJ): | *EM ANDAMENTO.*
Ciência na Quinta

Promoção da cultura científica, da educação em ciências e da popularização do conhecimento científico junto a jovens estudantes do 8º e do 9º anos do ensino fundamental de escolas públicas municipais localizadas na mesma área em que se situa o Museu Nacional, por meio da implementação de atividades educativas nos espaços expositivos e laboratórios da instituição, bem como da realização de atividades de campo. Fonte de financiamento: Prêmio IBERMUSEUS de Educação. Coordenadora: Andréa Fernandes Costa, Seção de Assistência ao Ensino

fotografia: Fernanda Guedes

Museu Nacional

EM NÚMEROS

Demonstrativo Sintético
de Receitas e Despesas 2018

1. Orçamento Geral da UFRJ - Despesas (R$)

Água e Esgoto

51.390,60

Energia Elétrica

1.411.833,60

Limpeza

2.348.295,00

Bilheteiros

186.391,68

Manutenção Ar-Condicionado

13.297,05

Manutenção Elevadores

45.438,00

Vigilância

5.344.666,44

Outros (aprox.)

1.263.353,32

1. SUBTOTAL

10.664.665,69

2. Orçamento Participativo e Outras Fontes da UFRJ (R$)

2.1. Verba Orçamentária recebida em 2018 (R$)

	1ª Parcela	2ª Parcela	3ª Parcela
Consumo	108.430,00	108.430,00	-
Serviços	29.690,00	29.690,00	-
Permanente	35.049,00	35.049,00	-

2.1 TOTAL

346.338,00

2.2. Verba PROAP/PROEX/PNPD (R$)

Consumo	27.383,86
Passagem	13.691,93
Serviços PJ	27.383,86
JICTAC+Tx. inscr.	1.525,00

PROFLLIND	5.000,00
PPGAS	142.032,08
PPGZOO	105.499,48

2.2 TOTAL

321.841,21

2.3. Outros Créditos (R$)

PQI	18.000,00
Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis	10.000,00

2.3 TOTAL

28.000,00

2.1 à 2.3.SUBTOTAL

696.854,21

2.4. Gastos (R$)

Consumo	48.305,96
Serviços	54.286,00
Permanente	251.575,78
Ajuda de custo/bolsa	52.599,81
Diárias e passagens	14.126,57

Transf. FCC festividades	7.929,99
PPGAS	77.460,00
PPGZOO	81.133,52

2.4. SUBTOTAL

587.417,63

2.5. Valor devolvido por não uso (R$)

Museu Nacional	0,76
PROAP	1.820,58
Outros	18.677,20

2.5. SUBTOTAL

20.498,54

2.6. Saldo PROEX/PNPD para 2019 (R$):

PPGAS	64.572,08
PPGZOO	24.365,96

2.6. SUBTOTAL

88.938,04

3. Despesas com Pessoal (R$)

Remunerações valor bruto	44.883.926,56
Descontos	15.539.248,95
Remunerações valor líquido	29.344.677,61

4. FUJB - Fundação Universitária José Bonifácio (R$)

Consumo	138.404,49	**Saldo Anterior (31/12/2017)**	65.988,93
Diárias e passagens	38.610,93	Receita de Bilheteria	350.715,65
Impostos	18.993,75	Despesas	391.205,15
Serviço	6.058,27	Saldo Final (31/12/2018)	25.499,43
Pessoal	74.360,90		
Permanente	4.892,00		
Curso	1.597,60		
Diversos	108.287,21		
SUBTOTAL	391.205,15		

5. SAMN - Associação Amigos do Museu Nacional

RECEITAS

SAMN Projetos de Pesquisa	73.527,40
Meninas com Ciência	15.350,00
BNDES PRONAC 160172	905.998,32
BNDES PRONAC 170378	2.379.579,56
BNDES PRONAC 1180577	1.080.247,00
VALE	1.000.000,00
Consulado-Geral da Alemanha	757.552,00
IBERMUSEUS Atividades Educacionais	38.991,00
SOS Museu Nacional	124.558,01
SUBTOTAL	**6.375.803,29**

DESPESAS

SAMN - Projetos de Pesquisa	49.634,21
Meninas com Ciência	15.091,80
Consulado Geral da Alemanha	756.411,00
SOS Museu Nacional	69.850,45
890.987,46	

6. CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPES

Apoio Emergencial aos Programas de Pós-Graduação do Museu Nacional

Custeio 533.780,00
Capital 2.000.000,00
Subtotal 2.533.780,00

Resumo de Despesas

Pessoal	**44.883.926,56**
Orçamento Geral UFRJ	**10.664.665,69**
Orçamento Museu Nacional	**587.417,63**
FUJB	**391.205,15**
SAMN	**890.987,46**
TOTAL Despesas Museu Nacional	**57.418.202,49**

Obs.: Os valores do presente relatório não incluem os projetos individuais recebidos pelos pesquisadores.

Corpo Social

Lotação	Servidores
Técnicos-Administrativos	218
Docentes	90
Total	308

Aposentadoria	Servidores
Voluntária	9
Invalidez	1
Total	10

Nomeação	
Arqueólogo	1
Assistente em Administração	1
Biólogo	1
Docente	4
Museólogo	4
Produtor Cultural	1
Programador Visual	3
Técnico de Laboratório	6
Tecnólogo	8
Total	29

fontes: Seção Financeira do MN, Seção de Compras e SAMN
Valores atualizados em 5 de agosto de 2019.

Orçamento Anual
comparado a outros

fotografia: José Roberto da Silva

Museu Nacional
ano fiscal 2018

R$ 57.418.202,49

Fontes: Seção Financeira, Seção de Compras e SAMN

Nova Iorque

American Natural History Museum
ano fiscal 2018

R$ 892.298.127,00

(US$ 230.282.370,00)
Câmbio: R$ 3,8748 (31/12/2018)
Fonte: Consolidated Financial Statements for Fiscal Years ending June 30, 2017 and 2018

Paris

Muséum National D'Histoire Naturelle
ano fiscal 2017

R$ 630.324.840,00

(€ 158.800.000,00)
Câmbio: R$ 3,9643 (29/12/2017)
Fonte: Rapport D'Activité: 2017

Londres

Natural History Museum
ano fiscal 2018

R$ 674.290.068,00

(£ 135.899.000,00)
Câmbio: R$ R$ 4,9617 (31/12/2018)
Fonte: Natural History Museum Annual Report and Accounts: 2017-2018

Visitação

	Pagantes	Gratuidade			Total Geral
		até as 16h	após as 16h	gratuidade	
Janeiro	11.139	2.282	3.484	5.766	16.905
Fevereiro	3.930	712	2.621	3.333	7.263
Março	5.164	1.084	3.242	4.326	9.490
Abril	7.430	1.973	4.080	6.053	13.483
Maio	7.237	6.656	1.074	7.730	14.967
Junho	6.078			7.453	13.531
Julho	2.079			4.424	6.503
Agosto					0
Setembro					0
Outubro					0
Novembro					0
Dezembro					0
Total	43.057	12.707	14.501	39.085	82.142

A gratuidade a partir das 15h até às 16h funcionou durante os meses de janeiro a maio.
No mês de junho, a gratuidade passou a ser no último domingo do mês.
Os dados de 12 de julho a 02 de setembro foram perdidos no sinistro.

fotografia: Marco Fernandes / Coordcom UFRJ

Núcleo de Comunicação e Eventos

arte sobre fotografia de Hussain Ibrahim

Ligado à Direção, **o Núcleo de Comunicação & Eventos** é responsável pelo planejamento e execução de ações estratégicas para o fortalecimento da imagem da instituição perante seus públicos-alvo.

Desempenha as atividades de assessoria de imprensa, gerenciamento de sites de redes sociais, produção de eventos internos e de divulgação científica, além de promover a comunicação e parceria com esferas de governo, instituições congêneres e outras unidades e instâncias da UFRJ.

No ano de 2018 foi responsável, entre outras ações, pela cerimônia de posse da nova diretoria e pelas comemorações dos 200 anos de fundação do Museu. A efeméride foi marcada por uma cerimônia solene para o público interno e autoridades e por um evento público e gratuito, na Alameda das Sapucaias, a 12ª edição do "Ciência, História e Cultura: o Museu na Quinta da Boa Vista", chegando a receber cerca de 30 mil pessoas nos dias 9 e 10 de junho.

Após o incêndio de 2 de setembro definiu as ações de gerenciamento de crise, através de divulgação de notas em seus canais de comunicação e do atendimento à imprensa, coordenando a atuação da empresa de assessoria Trevo Comunicativa.

O trabalho foi pautado pela transparência, procurando atender às demandas de maneira ágil e objetiva, adotando como principal porta-voz o diretor do Museu.

Como parte das estratégias de fortalecimento da instituição, o núcleo criou a campanha "Museu Nacional Vive", estimulando o engajamento da comunidade interna, bem como da população. A marca passou a ser associada a todas as ações da instituição desde então.

De acordo com relatório de mídia que abrange os meses de junho a dezembro de 2018, foram veiculadas 22.937 matérias, totalizando R$ 924.145.836,00 em publicidade espontânea.

Acesso na Rede

museunacional
34835 seguidores

museunacional1818
62383 seguidores

museunacional
33200 seguidores

www.museunacional.ufrj.br
1.907.562 visualizações

**dado fornecido pela Coordenação do Sítio do Museu Nacional*

fotografia: Valéria Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Denise Pires
Reitora (Gestão: atual)
Carlos Frederico Leão Rocha
Vice-Reitor (Gestão: Atual)

Roberto Leher
Reitor (Gestão: julho/2015 a julho/2019)
Denise Nascimento
Vice-reitora (Gestão: julho/2015 a julho/2019)

Museu Nacional
Alexander Wilhelm Armin Kellner
Diretor

Cristiana Serejo
Diretora Substituta

Luiz Fernando Dias Duarte
Diretor Adjunto Técnico-Científico

Lygia Fernandes
Diretora Adjunta de Ensino

Wagner William Martins
Diretor Adjunto Administrativo

Comissão de Publicações do Museu Nacional
Ulisses Caramaschi
Presidente

Lia M. S. Ribeiro
Secretaria Administrativa

Leandra Pereira de Oliveira Mariângela Menezes
Editores / Organizadores

Anna Carolina Bayer
Projeto gráfico e diagramação

Coordenadoria de Comunicação Social
Claudia Mendes
Coordenadora
Igor Soares Ribeiro, Gisele Schmidt e Dayse Barreto
Revisão

UFRJ faz 100 ANOS
1920 | 2020

MUSEU NACIONAL
UFRJ

Museu Nacional

Relatório **Anual** 2018